

ANAIS DA III MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DA SEMANA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA



Giana Bernardi Brum Vendruscolo
Fábio César Junges
(Organizadores)

**ANAIS DA III MOSTRA DE TRABALHOS
CIENTÍFICOS DA SEMANA ACADÊMICA DE
PSICOLOGIA**

EdiURI
Santo Ângelo – Brasil
2020



© 2020, by Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e
das Missões

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M916a Mostra de Trabalhos Científicos (2020 : Santo Ângelo, RS)
Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos da
Semana Acadêmica de Psicologia [recurso eletrônico] /
organização: Giana Bernardi Brum Vendruscolo, Fábio César
Junges. – Santo Ângelo : EdiURI , 2020.
94 p.

ISBN 978-65-87121-07-9

1. Psicologia - Anais. 2. Trabalhos científicos. I.
Vendruscolo, Giana Bernardi Brum (org.). II. Junges, Fábio
César (org.). III. Título.

CDU: 159.9:061.3

Bibliotecária responsável pela catalogação Fernanda Ribeiro Paz - CRB-
10/1720

Publicação

EdiURI – Editora da URI – Campus de Santo Ângelo – RS
Rua Universidade das Missões, 464 – CEP 98.802-470
Santo Ângelo – RS – Brasil – Fone: (55)3313-7900

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Campus de Santo Ângelo

Departamento de Ciências Humanas

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Das Missões (URI)

Reitor

Arnaldo Nogaró

Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Neusa Maria John Scheid

Pró-Reitora de Ensino

Edite Maria Sudbrack

Pró-Reitor de Administração

Nestor Henrique de Cesaro

URI – Campus de Santo Ângelo

Diretor Geral

Gilberto Pacheco

Diretor Acadêmico

Marcelo Paulo Stracke

Diretora Administrativa

Berenice Rossner Wbatuba

Coordenadora da Área do Conhecimento de Ciências Humanas

Daniela Pereira Gonzalez

Coordenadora do Curso de Psicologia

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Os conceitos emitidos em trabalhos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. Os originais não serão devolvidos, mesmo não publicados.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
TEXTOS COMPLETOS.....	10
PSICOLOGIA SOCIAL E CARTOGRAFIA: EXPERIMENTANDO A VIDA COM CAROLINA MARIA DE JESUS	11
<i>Rosângela Angelin</i>	
OS SENTIMENTOS DOS PAIS COM RELAÇÃO A ADOÇÃO... 20	
<i>Thiely Menezes de Almeida</i>	
<i>Rejane La Bella Flach Cunegatto</i>	
ONDE FALHAMOS? UMA ANÁLISE SOBRE A INDISCIPLINA NA PERSPECTIVA DE ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA	34
<i>Leonardo Stoffels</i>	
<i>Vitória Ramos Vianna</i>	
<i>Andrea Fricke Duarte</i>	
ENTRE O SAUDÁVEL E DOENTIO: UMA LINHA TÊNUE	48
<i>Luana da Fonseca Patias</i>	
<i>Andrea Fricke Duarte</i>	
O BEM-ESTAR E A QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS.....	60
<i>Gabriela Justen</i>	
<i>Marieli Lopes Gamarra</i>	
<i>Rejane La Bella Flach Cunegatto</i>	
A INTERAÇÃO PSICOSSOCIAL ENTRE USUÁRIOS DO CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL)	71
<i>Julia Dalenogare Machry</i>	
<i>Sabrina Alves de Souza</i>	

RESUMOS SIMPLES.....80

O INFERNO É A PANDEMIA: AS CONSEQUÊNCIAS
PSÍQUICAS DO COVID-19..... 81

Roberto Salbego Donicht

Lizete Dieguez Piber

A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO DE
EDUCAÇÃO INFANTIL 83

Laura Cabral Frainer

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

A RELAÇÃO ENTRE MÃES E FILHAS COM SÍNDROME DE
DOWN OU AUTISMO 85

Laura Cabral Frainer

Larissa Marques de Quadro

Andrea Fricke Duarte

AS RELAÇÕES DO ADOLESCENTE COM A SEXUALIDADE .. 87

Naillé Belmonte Trindade

Vitor Ferreira de Menezes

Lizete Dieguez Piber

ATUAÇÃO COLABORATIVA EM RODAS DE CONVERSA
DIGITAIS: UM TRABALHO INTEGRADO 89

Juliana Regina Franke

Ester Mattana

Carlos Augusto Fogliarini Lemos

A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO CONTEXTO DO
PET – SAÚDE/INTERPROFISSIONALIDADE: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA 91

Ester Mattana

Juliana Regina Franke

Carlos Augusto Fogliarini Lemos

SAÚDE E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: PROJETO
VIVA A VIDA 93

Henrique de Freitas de Almeida

Daniela Pereira Gonzalez

APRESENTAÇÃO

O Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus de Santo Ângelo, integra atividades de ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, a III Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia da XXIII Semana Acadêmica de Psicologia, constituiu-se num importante espaço de discussão e socialização de pesquisas oriundas de projetos de pesquisa e de extensão, bem como das atividades de ensino de diversos Cursos da URI e de outras Instituições de Ensino Superior da região.

A diversidade de temáticas de trabalhos que integram os Anais da III Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia revela a Mostra como um momento privilegiado de reflexão sobre questões de saúde, educação, violência, trabalho, família, escola, etc. Além da qualidade dos trabalhos apresentados e aqui publicados, cabe destacar a variedade de temáticas de trabalhos submetidos, consolidando a Mostra de Trabalhos de Psicologia.

Desejamos a todos e a todas uma excelente leitura!

Prof^{ta}. Giana Bernardi Brum Vendruscolo
Pela Comissão Organizadora

TEXTOS COMPLETOS

PSICOLOGIA SOCIAL E CARTOGRAFIA: EXPERIMENTANDO A VIDA COM CAROLINA MARIA DE JESUS

Rosângela Angelin¹

Resumo: Por meio do presente ensaio Cartográfico foi realizado um trabalho de imersão no Diário de Carolina Maria de Jesus, denominado de “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, com o intuito de “olhar” a obra a partir de aspectos da ética, da estética e da política, analisando-os à luz de alguns autores que versam sobre o tema. O trabalho desenvolvido denota que o método cartográfico retira a/o leitor/a de sua zona de conforto, colocando-a/o dentro da história, na medida em que, de alguma forma, se experimenta a vida, os anseios, problemas e sonhos da Carolina Maria de Jesus, em algo que é comum a todas/os: a humanidade, defrontando-se com a falta dessa. É praticamente impossível passar pela obra sem ter sentimentos paradoxais de desesperança e esperança, amor e revolta, relacionando-os com fatos da vida de quem está lendo a obra. Denota-se que, realmente, não existe somente um/a sujeito/a ao meio de todo o contexto: são inúmeros/as os/as sujeitos/as que não assumem formas puras, mas possuem singularidades que se conectam, se agenciam se interligam trazendo relações específicas, inclusive que lê a obra e vai se “encontrando” nela ou sendo afetada/a por ela. O Diário de Carolina Maria de Jesus remete a uma análise embasada num contexto político, o qual faz uma clara ontologia do vivenciado e remete a reflexão sobre o que somos neste contexto de mundo.

Palavras-chave: Psicologia Social. Cartografia. Carolina Maria de Jesus.

Introdução

Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizado o método cartográfico - muito utilizado na área da Psicologia Social-, baseado numa proposta desafiadora de envolver aspectos da ética, da estética e da política para olhar e vivenciar a perspectiva de análise. Como alude Suely Rolnik (1989), a tarefa

1 Doutora em Direito, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo. E-mail: rosangela@san.uri.br

do/a cartógrafo/a é “dar língua para afetos que pedem passagem”, o que, num primeiro momento, implica numa tarefa de sair da zona de conforto e adentrar a um campo em que, muito mais que pesquisador/a, se é também sujeito/a, dada a necessidade ou consequência do envolvimento com a realidade proposta, num processo de escuta extra-moral, deixando a experiência perpassar por sua própria existência.

Para efetivar a proposta desse Ensaio Cartográfico foi realizado um trabalho de imersão no Diário de Carolina Maria de Jesus, descoberto pelo jornalista Audálio Dantas, que a auxiliou na publicação, em 1960, desse pela obra denominada “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”. Essa obra abre as portas da favela, da fome, da violência, da vulnerabilidade, do desamor, da indignidade e da luta diária para a sobrevivência, ocupando-se da linguagem escrita para desvelar a realidade nua, como ela realmente é. Para Carolina de Jesus, “*Quarto de despejo*” representava a favela, local onde morava, mas o qual se negava pertencer, ou seja, o lugar de despejo de todo o lixo do mundo.

Além do Diário de Carolina Maria de Jesus, esse trabalho também é perpassado pela análise de dois vídeos sobre ela: a) “Poética da Diáspora”, produzido pela FAPESP, o qual busca destacar aspectos da vida e das obras da autora, e b) “Carolina Maria de Jesus (1914-1977): Heróis de todo mundo”, produção essa que retrata partes marcantes da vida de Carolina de Jesus. Assim, de forma simples, o ensaio buscará evidenciar apenas alguns dos muitos aspectos da obra de Carolina de Jesus, analisando-os à luz de alguns autores que versam sobre o tema e, enaltecendo os principais “afetos” causados no decorrer da leitura.

Minha experiência com Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus, por meio de suas palavras escrita denunciava a carência e a precariedade material das pessoas tornando-a conhecida como a escritora da carência. Porém, ela também trás consigo uma história de construção individual e social

anterior a vida na favela, onde a educação influente de seu Avô e a cultura da leitura crítica que perpassou sua infância e adolescência. Aqui, destaca-se seu primeiro contato com a leitura, praticada por um oficial de justiça mulato que lia para negros/as analfabetos/as o jornal da época, poemas e outros materiais em praça pública. Aliado a isso, como Carolina mesmo relatava, frequentou dois anos o Colégio Allan Kardec, onde aprendeu a ler e escrever (PERES, 2015).

A protagonista desse diário dizia: “O livro é a melhor invenção do homem”. Para Carolina, a arte da escrita sempre foi uma forma de resistir, contar, se defender e sonhar. Seu grande prazer era escrever e já escrevia com o intuito de contar sobre sua realidade. Ela era contundente ao firmar que, “uma palavra escrita não pode nunca se apagar [...] Ninguém vai apagar as palavras que eu escrevi” (SOUZA, s.a). Por conseguinte, ela se transformou em uma escritora brasileira e sua obra foi traduzida em diversos idiomas.

Carolina Maria de Jesus, mulher catadora, forte, frágil, sonhadora, batalhadora, favelada. Para ela a fome tinha a cor “amarela”. O poder de um pedaço de pão no seu estômago fazia com que as cores da vida voltassem, que a alegria reaparecesse e, até sonhos fossem vislumbrados. A sensação ao ler a obra é que não se pode negar o efeito da arte nas pessoas. Já na apresentação da obra, relatando o cotidiano da favela onde morava Carolina Maria de Jesus - em seu “Quarto de Despejo”, como leitora, fui transportada, com muita emoção, à minha infância, no dia adentrei, pela primeira vez, na “Vila Sapo”, para ir até um riacho onde a professora nos levou para fazer um piquenique. Eu deveria ter não mais que 6 ou 7 anos de idade. Lembro de olhar para aquele cenário, incrédula. O esgoto se misturava com a lama do banhado. Tinha muita sujeira, dava para ver que as casas eram de chão batido. As pessoas amontoadas nos casebres, as crianças sujas e o cheiro de fumaça tomando conta do ar. Lembrei imediatamente da Maria, uma coleguinha da escola, que morava lá. Ela cheirava fumaça também. Naquele dia eu entendi o porquê. Ninguém queria ficar perto dela, pois “fedia”

e sempre estava furiosa. Eu não gostava do cheiro, mas ficava perto dela e tentava ser sua amiga, sentia pena dela e me revoltada o fato dos demais a mal tratassem. Depois de conhecer a “Vila Sapo”, lembro, na percepção infantil (mas nem tanto), ter descoberto o motivo de Maria ser brava: devia ser muito triste viver lá.

Diante disso, os ensinamentos de Rolinik (1989) fazem mais sentido, no momento em que ele afirma que para um cartógrafo, “entender” perpassa a ideia de explicar ou revelar o que percebe. O que existe, por todos os lados são intensidades buscando expressão. Por isso, o autor atenta para a necessidade de se “mergulhar na geografia dos afetos” e criar pontes de linguagem para essa travessia.

Os relatos de Carolina Maria de Jesus são de uma profundidade incômoda e excessiva da miséria, da dor, do medo, da revolta, e também de sonhos. Para Silvia Lane (2006) as pessoas são resultado da sociedade em que vivem que as molda para manutenção de uma determinada situação social, de relações de poder e que vão construindo as identidades. Essa visão histórica das condições sociais na formação do “eu” faz com se tenha “consciência de si”. Para Milton Santos (apud SOUZA, 2007), a pobreza é um estado envolto de carências, mas também de muita luta, de vida e repleta da possibilidade da tomada de consciência, como ocorreu com Carolina Maria de Jesus. Seu lugar na sociedade era evidente.

Por toda sua obra, Carolina Maria de Jesus tecia críticas a organização social, aos políticos e situava, de maneira lúcida, o “lugar” da favela, como sendo um “quarto de despejo” de lixo e de tudo que não presta dentro do contexto da cidade, vista como uma casa com cômodos. Essa divisão hierárquica econômica, social e cultural é resultado do modo de produção capitalista onde o trabalho serve para subsistência, mas também para produção e aumento do lucro (mais valia) dos donos dos meios de produção, em detrimento de uma grande maioria que trabalha para eles, a qual é explorada (LANE, 2006). Ocorre que tem uma parcela da população que nem sequer é incluída nesse contexto de exploração, como Carolina Maria de Jesus, que vivia catando restos e numa situação de invisibilidade social (COSTA, 2004).

Desde o início da leitura da obra, Carolina se mostra em uma mulher forte sábia e lúcida da sua condição social. Falava da escravidão com muita propriedade e sabe que seguem sob o domínio dos “brancos”, tanto é que reza para que “Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.” No final de seu relato desse dia, reconhece ser a fome a escravidão atual. “E assim, no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome” (JESUS, 1960, p. 31).

A lucidez e a consciência Carolina Maria de Jesus frente à vida miserável levada por ela e sua prole não foi o suficiente para gerar a mudança de sua tão sonhada vida fora da favela, com uma casa e com alimento suficiente para dar a seus filhos e filhas. De acordo com Rosa e Poli é preciso muito mais do que consciência da situação para alterar os fatos cotidianos. Elas alertam para “o engano da premissa de que a conscientização (conhecimento dos fatos) é o mote da mudança” (ROSA; POLI, 2009, p. 6).

Numa das inúmeras passagens que Carolina Maria de Jesus busca forma de alimentar seus filhos e filhas, ela relata que recebeu arroz, feijão e algo mais do Centro Espírita, e que esse tipo de alimento é o melhor que sonha em dar para seus/suas filhos/as. Impossível não ser tomada por um aperto no peito frente a inúmeras situações, como essa, criadas pela injusta distribuição de renda do Brasil que, apesar de ter uma Constituição Federal (1988) que no seu início coloca como uma das metas fundamentais do Brasil a erradicação da pobreza, na realidade, as desigualdades sociais seguem crescentes e parece não importar para a maioria da sociedade. Esse cenário me remeteu, novamente, a minha infância e adolescência. Lembro da tristeza profunda que eu sentia em ver na televisão tanta fome no mundo. Sempre me perguntava: por que? Por as pessoas têm que passar fome? Por que as pessoas não dividem a comida? Eu sentia uma cólera dentro de mim e, entendi desde muito cedo que os governantes tinham uma grande contribuição nessas injustiças. Creio que deva ter sido por influência de meu Pai que era sindicalista e me levava em manifestações. Lembro que aos 9 anos eu preparei, sozinha, um discurso para o governador

Jair Soares. Estava revoltada, mas muito revoltada com o Estado que maltratava os professores/as e também os/as agricultores/as- público esse que fazia parte do meu cotidiano. Fizemos uma manifestação e eu fui na recepção do Governador com meu Pai. Sinto muito até hoje por não ter tido a coragem de despejar sobre aquele homem branco e imponente, todas as minhas palavras de protesto e indignação. Mas eu era apenas uma criança.

Tinha razão Carolina de Jesus quando dizia que todo político, antes de ser político, deveria passar fome para saber como é: “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. [...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que passou fome. A fome também é professora” (JESUS, 1960, p. 30-31). Normalmente, sentimos vontade de comer, mas fome... essa, geralmente, não temos nem ideia do que seja. Lembro que a primeira vez – e única – que “experimentei” a fome. Foi num barraco de um Acampamento dos MST, quando eu e minha amiga de vida passamos uma semana. Levamos alguns mantimentos de casa para dividir com a família que nos acolheu, mas logo terminou. Então, foi restando feijão, arroz e pão. Depois só pão. Eu nunca tinha sentido fome na minha vida e essa experiência mudou minha existência para sempre! Lembro que ao chegar ao acampamento fiquei muito surpreendida. Achei que era loucura vivenciar aquilo. Chegamos num dia de chuva. O cenário era repleto de barracos; e o cheiro de fumaça se misturava com o cheiro das latrinas. A miséria era tanta que ao chegar eu queria voltar, imediatamente, para casa. Mas minha determinação venceu: ficamos. Aprendi muito naquela semana. Aprendi muito com os exemplos de solidariedade, organização, cuidado com o próximo, justiça social. A fé, a resistência e, sobretudo, “a necessidade” moviam aquela gente.

Carolina era uma mulher sensível. Ela fica constantemente consternada com a alegria de suas crianças, quando chega com alimento em casa, a exemplo do dia em que conseguiu comprar marmelada e deu para as crianças que a olharam ternamente. Seu filho disse: “Que mamãe boa nós temos” (JESUS, 1960). A afirmação causa certo espanto e consternação, uma vez que se está

tratando de alimentação para sobrevivência. O alimento é uma das urgências da humanidade para que as pessoas permaneçam vivas e, muito embora se produza mais alimento do que se tem capacidade de comer, a sua distribuição é mal feita. Tal o problema da fome no Brasil que, por meio da Emenda Constitucional 64/2010 foi acrescido no artigo 6º da Constituição Federal de 1988 o “direito a alimentação” (BRASIL, 1988), como um direito humano de caráter social.

A fome, a miséria, o cansaço, a incerteza de dias melhores, a simplicidade e até mesmo a bondade perpassaram a vida de Carolina de Jesus que, como tantas mulheres brasileiras lutam para se manter vivas, assim como sua prole, num cenário de desigualdade social aprofundada. Mas ao mesmo tempo, percebe-se como a escrita e a leitura possibilitam a abertura para novas perspectivas, novos sonhos, contribuindo para evidenciar a construção humana das perspectivas sociais que afeta tanto a vida cotidiana material, quanto a psique das pessoas.

Considerações finais

A obra “*Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*”, lida sobre o enfoque da Psicologia Social por meio do método cartográfico, conta a vida de Carolina Maria de Jesus que, acaba despertando emoções, conflitos, revoltas e outros tantos sentimentos em quem lê a obra sob um enfoque sociológico e psicológico. Ficou evidente, assim, que as histórias das mulheres sempre perpassam a vida umas das outras de algumas formas, afetando a vida uma das outras, assim como o fez e segue fazendo o diário de Carolina Maria de Jesus.

Ler a obra “*Quarto de Despejo*” e não se co-mover é praticamente impossível. Os relatos límpidos e vívidos das dificuldades de uma mulher lutadora dentro de um cenário injusto e nada equânime provoca estado de lástima e revolta, conduzindo a/o leitor/a a momentos paradoxais de desesperança e, ao mesmo tempo de profunda esperança, a qual Carolina consegue apresentar em sua linguagem simples, mas contundente. A cada dia da leitura

de seu diário a esperança de que houvesse mais comida na mesa, mais dignidade para aquela família e transformação social.

O desafio de ler a obra sob o enfoque metodológico da cartográfica é um desafio bastante profundo e instigador. Denota-se que, realmente, não existe somente um/a sujeito/a ao meio de todo o contexto: são inúmeros/as os/as sujeitos/as que não assumem formas puras, mas possuem singularidades que se conectam, se agenciam se interligam trazendo relações específicas, inclusive que lê a obra e vai se “encontrando” nela ou sendo afetada/a por ela. O Diário de Carolina Maria de Jesus remete a uma análise embasada num contexto político, o qual faz uma clara ontologia do vivenciado e remete a reflexão sobre o que somos neste contexto de mundo. A autora apresenta com primazia a “estética da existência”, fazendo de sua vida uma verdadeira obra de arte que realiza a experimentação da subjetividade, num processo de resistência e criação que perpassa os tempos.

Ao finalizar esse breve trabalho, mais uma vez fica evidente, que é fundamental se ter presente que os universos ético, estético e político apresentam um potencial elevado de transformação social, remetendo ao que Rolnik (1989, s.p.) anunciava como regra de “prudência” do/a cartógrafo/a: “Regra da delicadeza para com a vida. [...] o cartógrafo, em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso.” Como pesquisadores/as, profissionais e como cidadãos e cidadãs sigamos confiantes que possamos desvelar esse horizonte - sempre e cada vez mais-, tendo presente a inseparabilidade entre conhecer-fazer, pesquisar-intervir.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20108.pdf. Acesso em: 16 Out. 2020.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis*: relato de uma humilhação social. São Paulo: Editora Globo, 2004.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 2. ed. Coleção contraste e confortos. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1960.

LANE, Sílvia T. Mauer. *O que é psicologia social*. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PERES, Elena Pajaro. *Poética da Diáspora*. Vídeo produzido pela Equipe de Pesquisa da FAPESP. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>. Acesso em: 05 Jul. 2020.

ROLINIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

ROSA, Miriam Debieux; POLI, Maria Cristina. Experiências e linguagem como estratégia de resistência. *Psicologia & Sociedade*. V. 21, Edição Especial. P. 5-12. 2009.

SOUSA, Edson Luiz André de. Função: Estamira. *Estudos de Psicanálise*. Salvador. N. 30, p-51-56. Agosto 2007.

SOUZA, Ruth de. *Carolina Maria de Jesus (1914-1977)*: Heróis de todo mundo. Programa Petrobrás Fome Zero. s.a. Petrobrás. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLkJy86VU84&t=60s>. Acesso em: 05 Jul. 2020.

OS SENTIMENTOS DOS PAIS COM RELAÇÃO A ADOÇÃO¹

Thiely Menezes de Almeida²

Rejane La Bella Flach Cunegatto³

Resumo: Esse artigo é resultado da pesquisa realizada sobre o tema adoção, O objetivo foi analisar os sentimentos dos pais com relação a adoção do filho(a). Quanto a metodologia utilizou-se a abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com delineamento de estudo de caso múltiplo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas contendo oito questões, os sujeitos participantes do estudo foram dois casais heterossexuais e um homossexual, compreendendo a faixa etária de 25 a 50 anos, com um ou mais filhos adotivos. Os dados foram analisados por análise de conteúdo. A partir do estudo pode-se concluir que os processos de adoção causaram ansiedade aos casais devido à demora pela espera do (s) filho (s), porém esses deram um novo sentido à vida das famílias, sendo que proporcionaram a realização de sonhos dos pais.

Palavras-chave: Sentimentos. Pais. Adoção.

1 Introdução

O presente artigo objetiva abordar a temática, adoção, buscando-se compreender os sentimentos dos pais nesse processo. Tal assunto é de grande importância tanto para a sociedade, quanto para a nossa formação individual.

A adoção é um processo de inserção no ambiente familiar, de forma definitiva, de uma criança cujos pais morreram, são desconhecidos, não podem ou não querem assumir o desempenho

1 Artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

2 Aluna do 9º semestre do curso de graduação em Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail thy.almeidamenezes@gmail.com

3 Mestre orientadora, docente no curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail: rejaneacunegatto@san.uri.br

das suas funções ou foram considerados inaptos pela autoridade competente. (FREIRE, 1994).

Segundo Levinzon (2006) a adoção pode ser definida como o estabelecimento de relações parentais entre pessoas que não estão ligadas por vínculos biológicos diretos. É uma maneira de proporcionar uma família às crianças que não puderam ser criadas pelos pais que a geraram e também a possibilidade de ter e criar filhos para pais que não puderam tê-los biologicamente ou que optaram por cuidar de uma criança com quem não possuíam ligação genética.

Para que ocorra uma adoção com um bom preparo psicológico, sugere-se que os futuros pais adotivos possam discriminar com clareza o que os motiva a adotar uma criança, as várias motivações expressam pensamentos conscientes e fantasias inconscientes que podem representar futuras dificuldades no relacionamento com a criança. (LEVINZON, 2006).

De acordo com o CNA (Cadastro Nacional de Adoção) o processo da adoção vai envolver algumas etapas, primeiramente deve ser feita uma petição, para dar início ao processo de inscrição para adoção, se essa for aprovada o adotante deve fazer um curso de preparação psicossocial e jurídico obrigatório, também participará de avaliação psicossocial com entrevistas e visita domiciliar. Após isso, a partir do laudo da equipe técnica da Vara e do parecer emitido pelo Ministério Público, o juiz dará sua sentença, se o pedido for acolhido o nome será inserido nos cadastros e o adotante estará na fila de adoção. A Vara da Infância avisa quando existe uma criança com o perfil indicado pelos candidatos à adoção e é conversado antes sobre a criança e sua história e se houver interesse, ambos são apresentados. A criança com mais idade também é entrevistada após o encontro e dirá se quer ou não continuar o processo. A partir disso, ocorre um estágio de convivência, que é monitorado pela justiça e equipe técnica. Se tudo ocorrer bem, o adotante receberá a guarda provisória, onde a criança já mora com a família, mas ainda recebe visitas da equipe técnica por um tempo. Se estiver tudo de

acordo com o esperado, o adotante receberá a guarda definitiva. (CNA BRASIL,1990).

O presente estudo teve por objetivo geral: analisar os sentimentos dos pais em relação a adoção do filho(a) e os específicos: investigar o tempo de espera para realizar a adoção e o que esse período representou ao casal; verificar os motivos que levaram os pais a decidirem pela adoção; compreender como ocorreu o processo de adoção; constatar se os pais se prepararam para a chegada da criança durante o processo de adoção; identificar a idade da criança quando foi adotada e como foi a chegada do (a) filho (a) segundo o casal; conhecer os sentimentos dos pais com relação ao(a) filho(a); averiguar os medos experimentados pelo casal com relação a adoção e compreender as mudanças que ocorreram na vida do casal após a adoção. A questão norteadora foi: Quais são os sentimentos dos pais em relação a adoção do (a) filho (a)?

2 Metodologia

A pesquisa foi realizada utilizando-se de uma abordagem qualitativa, descritiva exploratória. O delineamento foi estudo de caso múltiplo. Foram entrevistados três casais de pais, heterossexuais e homossexuais com idades entre 25-50 anos, que tiveram um ou mais filhos adotados. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, contendo oito questões. Os dados foram analisados por análise de conteúdo.

3 Resultados e discussão

De acordo com a metodologia proposta para a pesquisa, a entrevista foi realizada com três casais de pais adotivos e visando preservar a identidade e sigilo sobre os mesmos foram utilizados nomes fictícios.

Casal 1

Adão, 50 anos de idade, Engenheiro Agrônomo.

Ana, 44 anos de idade, formada em Administração.
Adotaram duas crianças: menina (seis dias de vida) e menino (sete meses)

Casal 2

João, 41 anos de idade, Empresário, formado em Pedagogia e Mestrado em Educação.

Carlos, 45 anos de idade, Gestor Acadêmico, formado em Artes Plásticas.

Adotaram três filhos: menina (dezessete anos), menina (nove anos) e menino (onze anos)

Casal 3

Roberto, 41 anos, Empresário, Ensino Médio Completo.

Julia, 40 anos, Servidora Pública, formada em Direito.

Adotaram uma criança: menina (seis dias de vida)

Foram determinadas categorias de análise, com o intuito de responder aos objetivos propostos pelo projeto de pesquisa, as quais serão apresentadas a seguir:

Categoria 1- Processo de adoção e o que o período de espera representou para o casal

Esta categoria teve por intenção compreender como foi o processo de adoção e o que esse significou para os casais.

CASAL 1 -*Nós entramos na fila de adoção em 2002 e a menina chegou para nós em 2008, e o menino desde 2009 até 2016.*

Representou angústia, uma gravidez que não é normal, porque a gravidez de coração, ela não tem um tempo, ela demora pra se concretizar.

Como temos dois filhos foram dois processos distintos. A menina foi por adoção direta, na época prevalecia a vontade da mãe biológica. O menino foi a adoção pelo Fórum, passaram oito anos até que chegou o menino, [...] com sete meses e foi um susto porque ligaram do Fórum, tem uma criança aqui para vocês, aí nós fomos lá conhecer (...) na hora nos apaixonamos e adotamos.

CASAL 2- *Nossa decisão e organização dos documentos se deram no ano de 2007, o processo de espera perdurou até final de 2010 e início de 2011. Foi muito angustiante, nos preparamos psicologicamente para a chegada da criança, organizei quarto, roupa e etc., mas o tempo passou e com isso a frustração de que as coisas não se desenrolavam, desmontei tudo, doei as coisas e roupas, pois não havíamos certeza de até quando permaneceríamos naquela fila. Foi um período de gestação horrível, pois você está apto a ser pai mais o filho nunca chega, isso causa uma ansiedade, uma angústia, uma tristeza e um desânimo. É uma gestação que você vive, aguarda, deseja e sem previsão nenhuma de chegada do filho.*

CASAL 3- *Nós ficamos quase 6 anos na fila de adoção. Eu acho que foi um período de preparação, ela veio no momento certo, eu vejo assim e sofrimento também porque a gente sofre, a gente quer muito e o processo é demorado, muito demorado (pai) foi angustiante. Uma coisa que foi legal no processo de adoção foram os encontros realizados com os casais da fila de adoção sabe (pai) esses encontros amenizavam essa angústia da espera, [...] triste porque a gente achava que nunca iria acontecer mas eu acho que tudo valeu a pena, tudo foi preparação, hoje a gente tem essa visão na época a gente não tinha. (mãe).*

De acordo com as verbalizações dos sujeitos tratou-se de um momento de espera marcado por sentimentos intensos de angústia, incertezas, e de expectativas para o futuro.

Segundo Reppold et al (2005) a espera pelo filho adotivo é longa e difícil para as famílias nos mais variados casos. Ainda que os candidatos saibam que estão em uma lista oficial de espera e que serão chamados assim que a criança estiver disponível à adoção, a sensação de muitos candidatos é de que nada está acontecendo, devido a burocracia do sistema de adoção.

Sendo o ato de adoção um processo demorado, os pais devem agir pacientemente, controlando a ansiedade ao enfrentá-lo, já que os mesmos passam por um processo de construção e internalização da identidade de país e do direito de exercer a parentalidade de seu filho adotivo. (PAIVA, 2004). E isso foi identificado quando o casal 3 relatou que o processo de espera também foi positivo pois possibilitou a eles um preparo psicológico para receber a criança. Outro aspecto ressaltado por esse mesmo casal foi a oportunidade de participarem dos encontros de casais que aguardavam na fila de adoção, que por meio deles, minimizava um pouco a ansiedade pela espera, devido a possibilidade de compartilharem dos mesmos sentimentos.

De acordo com estudos realizados por Campos e Costa (2003), durante esse processo diferentes aspectos podem ser percebidos na vivência das famílias durante a espera na fila, tais como: ansiedade e temor versus necessidade de segurança; a demora na conclusão do processo; exposição versus proteção.

Categoria 2– Motivos que levaram os pais a adotarem a criança

Nesta categoria serão expostas as razões pelas quais os pais resolveram adotar o (s) filho (s).

CASAL 1- *Motivos biológicos, nós não podemos ter filhos.*

CASAL 2- *Pelo fato de sermos um casal homoafetivo, jamais teríamos condições de engravidarmos, mas havia em nós um desejo enorme de constituirmos uma família.*

CASAL 3- *Não tínhamos possibilidades de ter filhos biológicos e queríamos constituir uma família. Estava faltando algo pra nós, queríamos alguém junto conosco.*

Diante das falas, percebeu-se que o motivo que levou os casais a adoção foi o fato de não poderem ter filhos biológicos.

Segundo Maldonado apud Pinto e Picon (2009) para a maioria dos casais que adotam uma criança a grande motivação é o fato de eles não terem podido gerar os seus próprios filhos.

Categoria 3- Preparo dos pais e chegada da criança

Nesta categoria pretende-se entender como ocorreu o preparo do casal para receber o filho/a filha.

CASAL 1- *Não tem como se preparar porque no momento em que você está na fila você está sempre esperando que um dia vão te ligar, ligaram, dizendo que tinham um menino pra nós com sete meses, então nós não estávamos preparados, [...], não tinha nada, mas tudo se montou em dois dias. Pra menina sim, a gente se preparou porque eu estava em contato com a mãe biológica[...] mas ela poderia desistir no momento de ganhar o bebê e eu ficar sem, mas eu estava com algumas coisas preparadas.*

CASAL 2- *Nos preparamos desde o momento que fomos comunicados que estávamos aptos para o processo de adoção, mas devido a essa longa espera, sem previsão de acabar, nos desorganizamos, ou seja, desmontamos nossas estruturas físicas e ficamos no aguardo do contato do judiciário para depois pensarmos em tudo novamente.*

No processo de adoção foi especificado que teríamos o desejo de adotar uma menina de até 3 anos, pois acreditávamos que seria mais fácil compreender nossa relação (homoafetiva) e aceitar a nossa família. Depois de um longo tempo de espera, no mês de novembro de 2010 recebemos um contato da assistente social do juizado, nos comunicando que haviam dois irmãos que estavam aptos para serem adotados. Devido à idade das crianças, eu em particular, fiquei com receio e medo de como seria a reação deles ao terem conhecimento da nossa relação, pois o menino na época tinha 11 anos e a menina 09 anos.

Fomos visitar o Centro de Acolhimento e ao chegarmos lá fomos recepcionados pelo “menino” que nos acolheu de forma carinhosa e amável, quebrando por total nossos medos e receios. Lá tivemos conhecimento de sua irmã mais velha que pela idade (17 anos) não entraria mais para adoção, cabendo ela a decisão da escolha.

No dia 23 de dezembro de 2010 fomos buscá-los para um primeiro contato, pedimos ao juiz a liberação para que passassem a noite de Natal conosco, nosso primeiro Natal em família[...]

CASAL 3- *Eu acho que a nossa preparação se deu em relação a uma maturidade, um amadurecimento nosso como pessoa, eu considero que ela chegou e nasceu um pai e uma mãe, nunca tive medo, nem receio de cuidar dela e acredito que ele também não [...] a gente não tem muito como se preparar.*

Nós a buscamos no hospital e a chegada foi maravilhosa, a assistente social nos apresentou falou que éramos os pais. Eu estava trabalhando [...] a assistente social me ligou e ela disse você está sentada eu falei: não, não acredito e ela disse sim pode acreditar tem um bebê no hospital e a gente queria ver se vocês tem interesse em conhecer e eu falei claro e ela disse que era uma menina e nossa eu comecei a chorar, nisso liguei para o R. falei que nossa filha tinha chegado fui buscar ele no trabalho fomos pro Fórum e dali fomos ao hospital conhecer ela, para nós o mais importante é que ela tinha chegado, nosso sim já estava dado, ela é nossa.

Com base nas falas constatou-se que quando o casal se encontra na fila de adoção não possui ideia do tempo exato em que irá receber o filho (a) e se serão atendidos os requisitos básicos apontados, portanto, torna-se difícil fazer um preparo como nas gestações biológicas ocorre. Mas o que ficou muito claro foi o desejo de todos em ter o filho e a felicidade que os (as) filhos (as) proporcionaram aos casais.

Diante da responsabilidade pela criação de um filho, Weber (1999) fala da necessidade de preparação, porque são raras as pessoas que se preparam para ter um filho, seja biológico ou adotivo, e isso “refere-se a uma reflexão sobre as próprias motivações, riscos, expectativas, desejos, medos, entre outros... significa tomar consciência dos limites e possibilidades de si mesmo, dos outros e do mundo” (p. 35). Neste sentido, um casal devido à incerteza no processo de adoção, na maioria das vezes devido a longa espera e sem previsão da chegada do filho (a), começa a perder as expectativas no processo e como consequência vem a desmotivação que tira o tempo de preparação destes pais. Como foi observado no caso do casal 2.

Para que o processo de adoção ocorra de uma maneira mais saudável, recomenda-se uma preparação para que os futuros

pais possam discernir com alguma compreensão quais são os sentimentos que os levaram a adotar um filho.

Na fala dos casais se pode notar que grande parte tinha a preferência pela adoção de bebês, a única adoção de crianças com mais idade foi realizada pelo casal 2, denominada adoção tardia.

Autores como Vargas (1998) e Weber (1999) definem adoção tardia como aquela realizada com crianças maiores de dois anos de idade, pois não se enquadram no perfil apresentado pelos pais pretendentes à adoção. (apud ARAÚJO e BRITO, 2013).

De acordo com as autoras Schettini, Amazonas & Dias (2006) o desejo de adotar um recém-nascido, na maioria das vezes, encerra a expectativa de que assim o filho se apegará mais facilmente, pois não terá uma história prévia de eventuais sofrimentos, como frequentemente acontece nas adoções tardias (crianças maiores de dois anos de idade).

Ainda na mesma linha de raciocínio, a escolha por crianças recém-nascidas, facilita o desenvolvimento do afeto entre a mesma e os pais, Silva (2013) descreve que para casais homoafetivos o maior desafio ainda é a aceitação social da orientação sexual que pode se somar ao preconceito relacionado à adoção que ainda pode existir. Uma das maiores preocupações destes casais é a escolha da escola, optando por aquelas que lidem melhor com a questão. Isso vem ao encontro ao que o casal 2 relatou quando inicialmente preferiam adotar uma menina pois acreditavam que fosse mais fácil aceitar a relação entre os pais.

Categoria 4- Sentimentos com relação aos (as) filhos (as)

Nesta categoria serão abordados sobre os sentimentos dos pais com relação ao(s) filho(s).

CASAL 1- Normal, a adoção não tem diferença do filho ser adotado ou biológico, tu vai amar a criança como se fosse teu porque ele é teu, ele veio pra ti, não tem diferença de sentimento.

CASAL 2- *São nossos filhos!!! Aprendemos que nada é maior que o amor, que quando se tem amor, qualquer dor pode ser superada. Amo incondicionalmente meus filhos. São nossos maiores tesouros. Somos felizes e realizados!!!!*

CASAL 3- *Amor só amor sabe, desde a hora que a gente viu ela é só amor! muita felicidade ela foi muito, muito esperada, completou a nossa família, eu não vejo outra palavra assim que defina o sentimento por ela que não seja amor. (mãe). Amor incondicional, amor incondicional. (pai).*

Podemos concluir que os sentimentos em relação aos filhos são todos positivos, envolvendo amor incondicional.

As mais intensas de todas as emoções surgem durante a formação, a manutenção, a ruptura e a renovação dos laços afetivos, que por essa razão são chamados de vínculos emocionais. O vínculo entre pais e filhos deve ser o mais forte de todos os laços humanos, já que é a partir deste laço que se desenvolvem todas as ligações subsequentes da criança. (BOWLBY, 2006).

De acordo com as respostas dos participantes percebeu-se que ao articular sobre os sentimentos em relação a (o) filho (a) remete ao amor incondicional, pois todos os filhos (as) foram muito esperados por eles envolvendo felicidade e realização dos pais.

Categoria 5 - Medos em relação à adoção e mudanças na vida do casal após a chegada do filho.

Esta categoria visa identificar se o casal sentiu algum receio com relação a adoção e verificar as mudanças que se produziram na vida do casal, após a chegada do filho/ filhos.

CASAL 1- *Eu não tenho medo da adoção, tenho os medos que qualquer mãe tem, de que seu filho viva bem, que sua filha tenha saúde, que eu consiga dar uma escola, um estudo, que siga a sua vida e que eu consiga acompanhá-los até o final. Medos em relação a adoção nenhum.*

- Muda tudo, muda tua vida, não pela adoção, mas porque é um filho, no momento que tiver um filho tua vida vai mudar, a gente

queria uma família com os filhos, tu não pode gerar, mas pode ter, tu tem amor pra dar, vai partir para a adoção.

CASAL 2- *Acredito que o maior medo era em relação a aceitação, se eles iriam nos aceitar, se iriam nos ver como seus pais e como família. Depois de superado isso, o outro medo era em relação a família biológica deles, aparecerem e recorrerem seus direitos ou tentativa de aproximação, fragilizando os vínculos que estavam sendo construídos. E outros medos existentes, são os mesmos dos outros pais em relação aos seus filhos.*

Nós éramos apenas um casal e alguns dias depois éramos cinco. Foi um giro de 360°, envolveu mudança de casa para poder acomodar os cinco, escola, mudança na rotina diária, adaptações de horários e também optei por ficar um ano sem trabalhar para me dedicar a eles.

CASAL 3 - *Na verdade a gente conversa né sobre esse negócio de aos 18 anos ela procurar a genitora, eu tenho receio disso entendeu. (pai). Hoje o medo e receio é esse e os medos de pai e mãe que não quer que fique doente, que sofra ou passe necessidades.*

Nossa vida como casal melhorou muito a gente está mais feliz, tem vontade de fazer as coisas tem mais ânimo pra vida, a gente decide tudo junto, então nossa vida mudou pra melhor, ela veio e nos completou como pai, como mãe e como casal. Não sei se foi difícil, mas o que mais mudou inicialmente foi a questão do sono porque o cansaço vem, o resto era festa, felicidade (mãe). Antes dela parece que a gente só vivia pra dormir, sábado de tarde era pra dormir, agora não tem mais isso ela dorme um pouquinho sábado de tarde e a gente vai pra praça, vai visitar os avós, passa o dia envolvido. (pai) A vida passa a ter outro sentido. (mãe).

A partir das verbalizações os casais mencionaram que não tiveram medo de adotar o (s) filho (s), e, sim, manifestaram preocupações como qualquer pai ou mãe, ou seja: medo que os filhos fiquem doentes, a aceitação, no caso do casal 2, em função do relacionamento homoafetivo e dentre os principais medos observou-se forte receio do casal 3 ao pensar que a filha que é muito amada, foi desejada por tanto tempo, possa mais tarde conhecer a mãe biológica e querer permanecer com ela.

O processo de adoção além de burocrático, pode submeter os envolvidos a muitos sentimentos como defende Campos e Costa (2003) o processo de adoção é permeado de subjetividade e emoções: medo, ansiedade, constrangimento, dúvidas e incertezas. Há uma consciência destas dimensões por parte de todos os envolvidos no processo. E mais, que estas dimensões superam e transcendem os aspectos legais e jurídicos.

De acordo com as falas descritas acima embora tenham ocorrido muitas mudanças com a adoção dos filhos, os casais apontaram como positivas, pois com a chegada dos novos membros a família essa se transformou para melhor, trazendo mais alegria a mesma.

Minuchin (1982) refere que as mudanças na vida dos pais e dos filhos são amplas e frequentes, os papéis mudam, se antes a rotina que tinham a dois, por exemplo, agora com um novo membro precisam desempenhar tarefas domésticas de como cuidar de uma criança e a necessidade de se adequarem ao novo ritmo de vida, o funcionamento de um interfere sobre o outro.

4 Considerações finais

Este trabalho apresentou e analisou o processo de adoção e as implicações positivas e negativas na vida dos casais.

A espera pelo filho adotivo, que já é bastante desgastante, transforma-se em sofrimento, angustia, ansiedade para os casais, pois aumentam as fantasias referentes à adoção e à demora gera inúmeros questionamentos, o filho (a) foi muito desejado e amado por todos os casais, segundo os relatos podemos concluir que todos tinham o mesmo sonho e objetivos de construir uma família, não podendo ter filhos biológicos optaram pela adoção a qual foi um longo caminho até exercerem a parentalidade.

Esse período de espera é uma fase de transição na qual os indivíduos ainda não são pais, mas também não são pais em espera como ocorre na gravidez. Nesse período, os candidatos podem

ficar imaginando a criança, com base nas características que foram escolhidas no momento de seu cadastro no Fórum. (WEBER, 2004). O momento de idealização do filho e da relação que se dará com ele desencadeia sentimentos ambivalentes e ansiogênicos.

A chegada do filho (a) mudou tudo, a rotina, os planos, onde antes eram apenas um casal passaram a ser uma família em busca de seus vínculos afetivos.

Outro aspecto que cabe ser destacado foi o receio por parte do casal homoafetivo quanto ao reconhecimento e aceitação dos filhos adotivos de sua condição como pais.

Como recomendação de pesquisas futuras, sugerem-se estudos mais aprofundados sobre a percepção dos filhos adotados por casais homoafetivos e também com casais que preferem adotar adolescentes.

Referências

ARAÚJO, A.C; BRITO, L. **Adoção tardia: o desafio da garantia do direito à convivência familiar e comunitária**, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527373005.pdf>>.

Acesso em: 23 jun. 2019.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPOS, N.M.V. & COSTA, L.F. **A subjetividade presente no estudo psicossocial da adoção. Psicologia Reflexão e Crítica**, 17 (1), 95-104, 2004.

FREIRE, F. **Abandono e adoção: Contribuição para incentivo de adoção II**. Curitiba: Terre dês Hommes, 1994.

LEVINZON, G.K. A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. **Monografia de Especialização**. Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <www.amazonaws.com> Acesso em: 05. jun. 2019.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1982.

PAIVA, L. D. de. **Adoção: significados e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PINTO, Márcia Cristiana Nunes; PICON, Patrícia. **Adoção: proposta preliminar para uma abordagem psicoterápica cognitivo-comportamental para pais adotantes**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872009000100002>. Acesso em: 05.jul.2019

REPPOLD, C. T. et al. Aspectos práticos e teóricos da avaliação psicossocial para habilitação a adoção. In: HYTZ, C. S. (ORG) **Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 43-70.

SILVA, C et al. **Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro**, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/261/26128793011.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Famílias Adotivas: Identidade e diferença**. Recife, 2006.

WEBER, L. N. D. **Aspectos psicológicos da adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

WEBER, L. **Pais e filhos por adoção no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2004.

ONDE FALHAMOS? UMA ANÁLISE SOBRE A INDISCIPLINA NA PERSPECTIVA DE ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA¹

Leonardo Stoffels²

Vitória Ramos Vianna³

Andrea Fricke Duarte⁴

Resumo: O presente artigo é sobre a resistência de uma turma de 5º ano, do ensino fundamental de uma escola pública de Santo Ângelo-RS, a corresponder às atividades propostas em um Estágio Curricular de Grupos do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). A metodologia inicial estava pautada na realização de atividades coletivas envolvendo produções artísticas, brincadeiras e dinâmicas de finalidade educativa e integrativa. No entanto, a turma não se via como um grupo e, por falta de disciplina, promoveram uma auto sabotagem, contra a qual se recorreu à utilização de estratégias de cessão e entrevista individual, além de recompensas para a continuação do estágio ser possível. Desse modo, os objetivos do projeto foram a formação de um vínculo entre nós e os alunos, o apaziguamento entre seus conflitos pessoais e interpessoais, e a promoção de valores como o respeito, a tolerância e a responsabilidade. Algumas dificuldades que atravessaram o processo foram a de estabelecer o rapport e a falta de respaldo para como agir diante da indisciplina. É importante ressaltar que, enquanto antigamente o grande problema nas escolas era a sua rigidez, atualmente, com o alívio desse tipo de postura, tem-se lidado com uma presente indisciplina dos alunos, cujas razões instigam o questionamento, visto que a causa advém de uma complexidade de fatores e uma solução definitiva não é possível. Assim, cabe averiguar qual a nossa contribuição nesses fatores nos episódios de estágio. Por fim, concluímos que a melhor maneira de agir em relação à indisciplina é através da prevenção.

Palavras-chave: Indisciplina escolar; Psicologia escolar; Grupo de alunos.

1 Artigo oriundo do Estágio Básico de Grupos do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Santo Ângelo.

2 Graduando em Psicologia - URI Santo Ângelo, leon4772@gmail.com

3 Graduanda em Psicologia - URI Santo Ângelo, vitoria.paz.ramos@gmail.com

4 Doutora em Psicologia Social e Institucional – UFRGS, Docente - URI Santo Ângelo, andreaduarte@san.uri.br

1 Introdução

Falar sobre disciplina e comportamento *adequado* em sala de aula não é uma tarefa fácil. O ambiente escolar é um ambiente que está sempre sujeito a controvérsias, pois a literatura ainda é incapaz de responder em definitivo a razão da indisciplina, tópico que tem se tornado comum e frequente em artigos correlacionados à pedagogia.

Por muito tempo, a disciplina foi conquistada através do controle dos corpos, ou *corpos dóceis* (FOUCAULT, 2009) - os quais não levantam contestações - e as crianças não tinham direito de agirem como crianças, pois é uma fase da qual o brincar e o agitar-se fazem parte. Assim, eram vistas como *corpos-cadernos*, conceito de Alicia Fernández (FERNÁNDEZ apud LELIS, 2006), já que pareciam não ter corpo, mas sim um caderno com uma cabeça em cima. Essa é a bizarra imagem de uma criança sentada em uma classe na escola, atada, com a supervalorização da cognição no aprender, que exclui a função do corpo na obtenção do conhecimento. Mas Silva e Weiss (2004) falam da vantagem em ter o corpo incluso no processo de aprendizagem:

Se as aulas estiverem fundamentadas nos canais proprioceptivos, visuais, auditivos e táteis, a aprendizagem acontece de forma eficiente e agradável. O conhecimento adquirido pela criança vira “vitamina”, ganha um sentido novo e, como resultado, há a retenção do aprendizado. (SILVA e WEISS, 2004 p.81).

Em contrapartida, a reclamação hoje não é majoritariamente sobre a escola disciplinadora, mas sobre os alunos indisciplinados, ou que não se submetem às normas e à autoridade, e a causa dessa indisciplina é tão complexa que a sua resolução depende de uma avaliação muito ampla. Boarini aponta isso:

É evidente que todo aluno «indisciplinado» ou «violento» tem seus determinantes psíquicos, pertence a uma família, independente do seu modelo de estruturação, e que a indisciplina escolar é um fenômeno que se concretiza na escola. Como corolário, qualquer explicação sobre esse assunto deve considerar esses aspectos. O que não podemos perder de vista

é que a escola, a família e o aluno não existem isoladamente. Fazem parte de uma sociedade e de um período da história que não devem ser desconsiderados. (BOARINI, 2013, p.7).

A turma de escola pública com a qual trabalhamos em nosso estágio constituiu um enigma para nós, pois resistiu muito a colaborar com experiências de grupo. Os alunos exerceram papel de *auto sabotadores*, no sentido de tratar-se de um grupo que foi, na maioria das vezes, avesso a qualquer tentativa de unificação para realizar nossas propostas, porém, sua unidade consistia em que todos eram capazes de colaborar mutuamente para desviarem-se e fazerem qualquer outra coisa. Por mais que tentássemos, nos primeiros dois encontros do total de dez, não conseguimos realizar concretamente qualquer atividade. Nos perguntamos: por que tanto empenho da parte deles em sustentar essa imagem de rejeição a nós? Esse artigo não é sobre uma tentativa de dar uma resposta ao problema da indisciplina, mas sim apenas um relato de uma situação que continua a se repetir infinitamente nas escolas, gerando mais perguntas do que respostas.

2 Estratégias metodológicas

O Estágio de Grupos foi iniciado na terça-feira do dia 14 de março de 2017, em uma escola pública de educação básica de Santo Ângelo-RS. Optamos por uma turma de 5º ano com a qual trabalhamos em dez encontros de cinquenta minutos realizados entre março e maio, sendo o último encontro ocorrido no dia 09 de maio de 2017.

Utilizamos um planejamento que foi construído de acordo com a nossa percepção das necessidades da turma, à medida que nos eram apresentadas, e a seguir, disporemos as atividades que foram realizadas:

1º Encontro – Anotação de nome, idade, cor preferida, o que quer ser quando crescer e animal de estimação em uma folha para entregar-nos e conversa com o grupo;

2º Encontro – Dinâmica do “Coral de frutas” e conversa com os alunos;

3º Encontro – Jogo de futebol com regras e valores sociais;

4º Encontro – Dinâmica do xerife e criação das regras da turma;

5º Encontro – Jogo de voleibol com regras sociais;

6º Encontro – Entrevistas individuais;

7º Encontro – Conversa com os alunos;

8º Encontro – Questionamento sobre a pessoa que mais admiravam e a razão disso, e dinâmica da “Dança do jornal”;

9º Encontro – Dinâmica “Descubra o que mudou”, dinâmica do “Círculo segurando a perna do colega” e dinâmica do “Papel Amassado”;

10º Encontro – Devolução para os alunos de aspectos positivos e aspectos que precisam melhorar, desenho e escrita sobre a visão de si mesmos e como querem ser quando crescerem, escrita sobre o que quer que mudem na sua família.

3 Imersão no caos

Nós, estagiários iniciantes, não sabíamos o que nos aguardava, se a turma seria receptiva ao nosso trabalho, ou se conseguiríamos trabalhar da forma adequada e necessária. Por ser um ambiente escolar, seríamos colocados, de certo modo, em papéis de professores ou figuras de autoridade, e esperávamos ser respeitados nesse sentido. Ainda, ser-nos-ia demonstrado o indivíduo em que cada aluno se tornara até então de acordo com sua vida, com seu modo de pensar, agir, remeter-se à aprendizagem e à escola, e principalmente a sua postura diante do novo.

Procuramos facilitar nosso desafio de trabalhar com um grupo optando por uma turma de quinto ano, uma idade intermediária no que diz respeito a esses alunos ainda serem crianças, mas com uma idade um pouco mais avançada. Então,

ficou a critério da escola a decisão de qual turma nos disponibilizar, e eles escolheram a que, entre os dois quintos anos, mais precisava de auxílio. Fizemos nosso planejamento para o primeiro dia com a turma, e fomos de fato surpreendidos quando a conhecemos, e ainda mais surpresos ao término desse encontro.

Primeiramente, não conseguimos nos comunicar com eles de modo eficaz, pois não nos davam atenção suficiente. Será que ao contrário do que pensamos, eles não nos viram na posição de autoridade? Lembramo-nos de que um dos alunos disse que não nos respeitavam porque não gritávamos com eles. É verdade que desejávamos o respeito dessas crianças, mas não queríamos gritar com elas, contudo, elas desejavam o grito. E ainda havia mais por vir: a presença de violências verbal e física entre eles. Abramovay *apud* Priotto e Boneti (2009, p.166) traz a violência verbal como “incivilidades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou ‘bullying’.” Charlot (ABRAMOVAY e RUA, 2003, p. 21) define a violência física como “golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos”. No caso dos alunos da turma, eles se empurravam, xingavam-se, chamavam-se por apelidos e até um aluno bateu no outro.

Esses alunos não se viam como um grupo, eles mesmos disseram quando os questionamos. Amaral (2007, p. 9) fala sobre Pichon-Rivière e diz que

Para ele, o grupo é um conjunto restrito de pessoas, que, ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação interna, propõe, explícita ou implicitamente, a uma tarefa, que constitui sua finalidade. No entanto, não basta que haja um objetivo comum ou que tenha como finalidade uma tarefa, é preciso que essas pessoas façam parte de uma estrutura dinâmica chamada vínculo.

Eles não reconheciam esse vínculo, e a princípio foi o que tentamos produzir neles: o reconhecimento de que eram um grupo. Mas sentimo-nos impossibilitados de manter a ordem. Foi literalmente um caos. Boarini (2013) já dizia que, “*se (...) nenhuma norma for atendida e cada qual fizer a sua maneira, seguramente*

esse será o caminho mais indicado em direção ao caos.” E foi o que assistimos, uma sala de aula caótica, sem ordem ou disciplina alguma - ao menos para conosco - com alunos para todos os lados: na janela, no fundo da sala, fazendo cada qual o que queria. Ficamos estupefatos com o turbilhão que onze crianças foram capazes de fazer, lançando-nos à vista uma realidade desgastante para quem tem de lidar com uma turma indisciplinada durante várias horas semanais. Quando a bagunça se torna intolerável e impossível de conter, há um grande problema, mas ao qual nos propomos encarar.

A indisciplinada é uma palavra que facilmente nos remete a um pouco mais da metade do século XX. A nossa mente resiste a pensar que uma turma seria capaz de causar alvoroço há mais de meio século atrás, quando tudo parecia em ordem. É comum escutar o comentário de que hoje em dia não há regras na escola, os alunos não têm limites, não aprenderam a respeitar autoridade e fazem tudo o que querem em sala de aula (AQUINO, 1998). A expressão nada mais é do que um saudosismo do senso comum, pois a problematização da escola de hoje pouco tem a ver com a de antigamente.

A falha nesta visão romanceada do passado escolar, de fazer referência à uma escola “de excelência”, se dá pela exclusão de várias imperfeições da instituição que foram amenizadas hoje, entre elas, podemos destacar, em especial, o elitismo (AQUINO, 1998). Poucos eram os que tinham o direito de estudar, e a escola até algumas décadas atrás era uma instituição pouco democrática, como fala Aquino (1998):

Eram elas escolas militares ou religiosas, e algumas poucas leigas, que atendiam uma parcela muito reduzida da população. Perguntemo-nos, por exemplo, se ambos nossos pais tiveram escolaridade completa de oito anos. Lembremo-nos então de nossos avós, se eles sequer chegaram a frequentar escolas! Quanto mais recuarmos no tempo, mais veremos como escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social.

O mesmo autor cita ainda como dificuldades a existência de um exame de admissão entre o “primário” e o “ginasial”, o que reforçaria a escola como uma instituição segregacionista na época, bem como fala sobre a militarização de alguns segmentos como a existência de filas, o uso de uniformes e o autoritarismo do professor, que então era uma figura de medo, confundida com respeito hoje pelos saudosistas (AQUINO, 1998, p.4).

A atitude do aluno atual, vista hoje como “sem limites”, é uma resposta à diminuição do medo. Se evitarmos a confusão entre medo e respeito, dois conceitos longe de serem sinônimos, logo desmistificamos a ideia de que antes o aluno era *adequado*. Sim, pois o medo não imobiliza apenas o corpo, o aluno que tem medo também tem um prejuízo cognitivo, pois a punição que acontecia antigamente, o castigo físico, violência praticada pelos professores contra seus alunos, era uma afronta à vontade do aprender. Se havia pouco espaço para o questionamento por parte do aluno, já que o autoritarismo em voga nas escolas brasileiras até meados dos anos 1970 não era aberto à crítica, como poderia haver espaço também para a curiosidade daquele? (ABRAMOVAY e RUA, 2003)

É claro que não podemos cair na ilusão de que a escola democrática que consideramos presente no século XXI não impediu os alunos de sentirem medo, o qual penetra de forma silenciosa por meio das ameaças baseadas nas avaliações, exclusões e transferências (AQUINO, 1998).

Abramovay e Rua (2003, p. 38) trazem que, para alguns educadores “o maior problema da escola é a indisciplina, falta de respeito, falta de responsabilidade, falta de educação.” Fersap apud Boarini (2013) afirma que a indisciplina “*está de tal forma disseminada no ensino público que muitos professores já não se queixam à Direção e convivem com a indisciplina como se fosse a norma escolar*”. Porém, devemos nos questionar se essa cansativa jornada do professor diante da indisciplina não carrega um pouco da sua própria contribuição como transmissor da postura escolar frente ao aluno. Passos (1996, p. 123) fala um pouco sobre essa postura e de uma “contra-postura” dos estudantes:

É do espaço das filas, de cabeça atrás de cabeça, da rotina dos horários, do tempo limitado para cada atividade, dos conteúdos estagnados, das provas homogêneas, que podem emergir formas de relação que ultrapassem o controle e o poder instituído, para configurar uma dinâmica de troca, de ação e interação, de luta contra a submissão, que se expressa nas rotinas e relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar. Os próprios alunos vão impondo à escola a necessidade de mudança.

Quanto ao nosso grupo, falamos a eles que queríamos justamente que falassem, que não era nosso objetivo que ficassem calados ou parados, mas que através da disciplina realizassem nossas propostas. Boarini (2013,p.8) reforça essa ideia ao falar que, “primeiro, a disciplina é imprescindível para o desenvolvimento de qualquer atividade, seja individual ou em grupo. Desenvolvida isoladamente ou em grupo, toda atividade, de qualquer natureza, exige ordem para chegar a bom termo”.

3.1 Algumas estratégias

Devido à dificuldade e desinteresse dos alunos em participar de nossas propostas, procuramos utilizar a ferramenta “ceder” para nos aproximarmos do desejo deles. Destarte, saímos do padrão da sala de aula, fomos para a sala de vídeo e lá fizemos um círculo com colchonetes, o qual os alunos desfizeram e se deitaram onde quiseram. Questionamos-lhes os gostos musicais, os esportes favoritos, o que gostariam de fazer nas atividades conosco, mas eles não demonstravam vontade de fazer coisa alguma, a não ser praticar esporte.

Partimos então para a tentativa de aplicar psicologia esportiva, visando à unidade, o desenvolvimento de empatia e valores. De acordo com Gabarra, Rubio e Ângelo apud Tubino (2009, p.5), “*considera-se o esporte educativo como um caminho para o pleno desenvolvimento da cidadania no futuro das pessoas*”. Realizamos, logo, um jogo de futebol com regras tais como não xingar, não derrubar o outro, ajudar mutuamente e incentivamos a

não valorização da competitividade, no sentido da necessidade de ganhar custe o que custar, e que o jogo era para a diversão de todos, generalizando tais fundamentos para os demais âmbitos das relações sociais. Como participamos da partida juntamente com eles, isso possibilitou uma maior aproximação. A partir desse momento, começamos a acreditar que eles estavam cedendo também, e que nosso trabalho não era em vão. A primeira conquista aconteceu no episódio da dinâmica das chaves, do qual participaram conseguindo realizar toda a brincadeira.

Esperançosos, criamos uma competição de pular corda, pautada também em valores, sendo que os que descumprissem as regras de respeito perderiam pontos. Não deu certo. Queriam jogar vôlei. Cedemos novamente, e fomos jogar com eles, mas então trocaram para o futebol, e assim foi sucessivamente, pois o objetivo deles nada mais era do que a *auto sabotagem*. No final desse encontro, conseguimos jogar vôlei com eles depois de muita insistência. Seguindo os conceitos de Pichon do que deve haver para a operação de um grupo, esses só estavam presentes se fosse para um objetivo oposto ao nosso:

A pertinência pode ser vista como a qualidade da intervenção de cada um no grupo; a afiliação é a intensidade do envolvimento do indivíduo no grupo; o centramento na tarefa é o eixo principal da cooperação, refere-se ao grau de interação com que um participante mantém o vínculo com o trabalho a ser efetuado, e avalia a dispersão e a realização de esforço útil do indivíduo; a empatia é o modo como o grupo pode ganhar força para operar cada vez mais significativamente; a comunicação é essencial para que haja entrosamento; a cooperação é o modo pelo qual o trabalho ganha qualidade e operatividade; a aprendizagem é o resultado do trabalho e deve ser essencialmente colaborativa. (AMARAL, 2007, p.10).

Desse modo o processo se repetiu. O nosso otimismo oscilava: ora os alunos tentavam nos convencer de que éramos um insulto ao espaço deles, ora nos levavam a crer que estavam dando uma abertura ao nosso trabalho. Com um sentimento de frustração muito significativo, tentamos uma abordagem

individual, considerando que com o grupo todo estava muito difícil o desenvolvimento dos encontros. Recorremos à entrevista individual, a fim de conhecê-los mais e construirmos um vínculo maior. Com isso em vista, elaboramos dez perguntas, contendo temas tais como a escola, o turno integral – era o modelo da escola - e a vida familiar. Para nossa satisfação, eles foram mais abertos, simpáticos e conseguiram responder às questões. Posteriormente, demos a eles uma devolução positiva. Após as entrevistas, a situação melhorou.

Ademais, em alguns encontros a professora se fez presente, e concordamos em ela permanecer em sala, e foi positivo porque os alunos pareciam contribuir mais conosco. Propomos e permitimos aos alunos a criação das regras da própria turma, com o que era e o que não era permitido. Aqui, talvez, a nossa abordagem das regras poderia ter sido diferente, tal como o que gostam ou que não gostam que façam consigo, ou ainda, talvez erramos em trabalhar com “os ‘limites do não pode’, ao invés de privilegiar os ‘limites da possibilidade” (BOARINI, 2013). Como última estratégia, utilizamos recompensas, o que segundo Cameron e Pierce apud Medeiros e Figueredo, (2010, p.61) “*são uma fonte de motivação; os alunos sentem-se motivados com a presença da premiação; as recompensas podem ser usadas para manter ou aumentar o interesse intrínseco(...)*”. Mas para que a recompensa não ficasse limitada à simples participação, aqueles que venciam uma brincadeira ganhavam mais doces, que foi o que utilizamos para premiar, além de explicarmos as finalidades das atividades mediante o que dela podia-se aplicar na vida cotidiana. O resultado disso foi que os alunos se tornaram mais participativos e envolvidos nas dinâmicas.

3.2 Nos últimos minutos

Com as estratégias utilizadas no tópico anterior, abriu-se uma possibilidade de trabalho. Infelizmente, isso ocorreu apenas no oitavo encontro. No nono, fomos surpreendidos com a notícia de que os alunos mais velhos foram transferidos para o Projeto Acelera,

que ao estudar durante o ano uma apostila, são remetidos ao sétimo ano. Ao mesmo tempo em que dois dos que foram transferidos eram uns dos que mais agitavam, e isso gerava certo alívio, o nosso grupo ficou defasado, e isso não era a nossa expectativa. Ainda, já que a turma era pequena, os seis alunos que restaram foram integrados à turma 52. Desapontados, continuamos o estágio com os alunos que pertenciam a 51. Alguns do grupo, dois deles, apresentavam ainda indisciplina, ou falta de cooperação, mas em geral o todo estava muito mais colaborativo. No final, porém, seriam necessários muitos encontros mais para atestar uma mudança significativa, o que também não poderia ser feito, já que o grupo não era mais o mesmo e pertencia agora à turma 52.

3.3 Algumas limitações

A indisciplina como já mencionado, não tem apenas uma causa. Por isso, temos que pensar em qual foi a nossa contribuição para que eles agissem do modo que fizeram conosco e algumas limitações. A seguir, a identificação de dois fatores que dificultaram o processo e que talvez contribuam para que outros estudantes ou profissionais atentem mais a esses aspectos:

- a) Rapport ineficiente: já que nos primeiros dias nossa comunicação foi difícilíssima, o rapport, através do qual “*as pessoas perdem suas defesas e podem aceitar mais facilmente as ideias daqueles em quem confiam.*” (INGHAM e LOVE apud SOUZA, 1982) não pode ser feito adequadamente. Nos dias seguintes, as crianças não conseguiam compreender qual o nosso propósito, e não aliviaram suas defesas.
- b) Tratamento das atitudes indisciplinadas de forma inadequada: diante delas, não sabíamos qual a conduta correta. Vasconcellos apud Oliveira (2009) fala da necessidade de uma postura referencial a que se possa recorrer:

De modo geral, os professores têm adotado posturas que podem ser caracterizadas como: liberais, autoritárias, conformadas,

comprometidas, bem resolvidas, acusadoras, desesperadas, em vias de desistir. Essas diferentes posturas adotadas por eles provocam repercussão em sala de aula, uma vez que os alunos percebem a falta de firmeza e convicção daquilo que está sendo proposto pelos diversos professores com os quais eles convivem (VASCONCELLOS apud OLIVEIRA, 2009, p. 4506).

Para mais, Garcia (2002, p. 376 apud OLIVEIRA) amplia a indisciplina no sentido de que o “indisciplinado” não é somente “*aquele cujas ações rompem com as regras da escola, mas também aquele que não está desenvolvendo suas próprias possibilidades cognitivas, atitudinais e morais*”, e Oliveira (2009) destaca que “*quanto maior a capacidade de clarificar a diversidade, maior será a possibilidade de êxito, uma vez que problemas diferentes reclamam soluções diferentes*”, pois a indisciplina tem várias formas, depende da situação e também da “*dimensão simbólica, feita de crenças, expectativas, representações e intenções dos alunos e professores e de uns sobre os outros, que condicionam as relações e interações mútuas*” (OLIVEIRA, 2009p.4513).

4 Considerações finais

Para Cord (2008, p.144), “*as categorias macrossociais só ganham efetividade quando resignificadas ao nível das instituições sociais, e dentro destas, ao nível dos grupos que as compõem, através dos vínculos estabelecidos*”. Dedicamo-nos a promover uma mudança na visão sobre o vínculo dos alunos com que trabalhamos a fim de que, de dentro para fora, constituíssem-se mudanças nas suas posturas e intenções nos ambientes sociais, o que alude à disciplina ou obediência às normas que a convivência social exige para que se obtenha uma harmonia entre os indivíduos que dela fazem parte, sem, no entanto, reportar-se à escola do século anterior que não considerava a idiosincrasia do sujeito. Foi um exercício para conhecer a realidade vivida pelos professores.

As dificuldades presentes na instituição, quando vistas *in loco* tomam uma proporção muito diferente da reflexão proporcionada apenas pela literatura, mas ao revê-la, encontramos uma idéia

interessante de como lidar com a indisciplina: preveni-la. É o que nos diz Garcia apud OLIVEIRA (2009), que observa uma cultura intervencionista, cuja causa é a “ausência da gestão da indisciplina na escola”, que “*está intimamente ligada ao fato de ações parciais substituírem estratégias para mudança*”, sendo proveitoso que os professores enfoquem as “*práticas voltadas ao desenvolvimento de propensão para a disciplina que à contenção da indisciplina*”.

Referências

ABRAMOVAY, M.; RUAS, M.G. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

AMARAL, V. L.d. *A dinâmica dos grupos e o processo grupal*. Natal: EDUFRRN, 2007. 208 p.: il.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, July 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso>. access on 25 June 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200011>.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 123-131, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000100013&lng=en&nrm=iso>.

CORD, D. *A dimensão grupal nas salas de aula: um aspecto pouco investigado*. In ZANELLA, AV., et al., Org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 142-154. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

GABARRA, L. M.; RUBIO, K.; ÂNGELO, L. F. *A psicologia do esporte na iniciação esportiva infantil*. 2009. Disponível em

<<http://psicolatina.org/18/esporte.html>>

LELIS, M. T. C. *O corpo nos processos de aprendizagem: contribuições de Wilhelm Reich e Alicia Fernández*. Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

MEDEIROS, T. G.; FIGUEREDO, J. C. O papel das recompensas como estratégia motivacional em sala de aula de inglês. *Rev. REVELLI*, Inhumas, v. 2, n. 1, p. 53-73, 2010.

OLIVEIRA, R. L. G. *Reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual*. PUCPR, 2009.

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. Em J. G. M. Aquino (Org.) *Indisciplina na escola/Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

PRIOTTO, E.P.; BONETI, L.W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009. ISSN 1518-3483

SILVA, M. D. S; WEISS, S. L. I. O corpo na escola e na vida: a educação corporal e seus efeitos no indivíduo. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*. Vol. 2 n. 5 - abr.-jun./2004 ISSN:1807-2836

SOUZA, Edela Lanzer Pereira de. O consultor e o manejo de clima grupal. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 97-116, 1982. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931982000100004&lng=en&nrm=iso>.

ENTRE O SAUDÁVEL E DOENTIO: UMA LINHA TÊNUE

Luana da Fonseca Patias¹

Andrea Fricke Duarte²

Resumo: Com base na atual obsessão existente no gênero feminino em relação ao cuidado e estética corporal, este artigo tem o objetivo de mostrar as modificações em relação ao padrão de beleza seguido pelas mulheres, à influência da mídia e comunicação em massa. Observações realizadas em uma clínica de Treinamento Funcional evidenciaram que mulheres se sacrificam física e mentalmente em busca de um corpo no qual se sintam bem consigo mesmas e socialmente. Uma alimentação saudável com hábitos de exercícios físicos, podem ser benéficos à saúde quando não se tornam práticas obsessivas, as quais podem gerar mal-estar tanto físico, quanto social, bem como transtornos, patologias e pensamentos disfuncionais. Os padrões de beleza veem mudando em todas as décadas, todavia, o que não muda é a incessante busca por um enquadramento social.

Palavras-chave: Cultura. Corpo. Mulheres.

1 Introdução

No momento atual, vivemos em uma sociedade com valores culturais invertidos. O homem prioriza o bom sucesso profissional e vê-se envolvido em constantes questões particulares: trabalhos, projetos, estudos e negócios. Consequentemente, o espaço para lazer, diálogo e entretenimento torna-se cada vez menor, fazendo com que a sociedade em geral busque nas mais diversas formas um bem-estar físico e mental

1 Acadêmica do décimo semestre de Psicologia pela Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI Campus Santo Ângelo. E-mail: luanapatias0212@gmail.com

2 Doutora em Psicologia Social e Institucional Professora do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI / Campus Santo Ângelo/RS E-mail: andreaduarte@san.uri.br

como válvula de escape para um mundo corriqueiro, onde há pouco tempo para si mesmo e um período ainda menor para relações interpessoais.

O ser humano torna-se uma máquina de produção e se submete a modos de viver imbricados com o mundo digital, inaugurando padrões sociais e estéticos, o que pode levar muitos a hábitos que vão desde o saudável ao doentio, em busca de sentir-se bem consigo mesmos e com a sociedade.

Com um maior desenvolvimento das indústrias, o crescente acesso à mídia e o vasto papel do marketing, novos padrões estéticos têm sido lançados. Diariamente são publicados novos produtos e modos de viver, sejam em novelas, blogs, programas de tv e redes sociais como o *instagram*, onde famosos relatam constantemente suas vidas e o que já fizeram e ainda fazem para atingir a perfeição, seja ela do corpo ou até do seu estilo de vida, agindo desta forma como um estímulo de que esse é o protótipo a ser seguido, tornando-se assim, grandes aliados a mulheres que incansavelmente procuram corpos ideais para adquirirem.

Desta forma a homogeneização de personalidades tem ganhado cada vez mais poder, fazendo com que a sociedade busque agir e sentir seu corpo conforme o esperado e divulgado pela mídia, assim como Assumpção Jr. (2008, p. 37) aponta: “[...] As pessoas geralmente admiram (e algumas vezes até exacerbam) as características a que estão acostumadas”. No sentido de que tendem então, a repetir àquilo que se acostumam a ver, de maneira que se formam assim, modos idealizados de ver o corpo, bem como em outras décadas e culturas, vai-se moldando um padrão sociocultural: alta, magra, bronzeada, corpo atlético, fitness e praticantes da ortorexia³. Para tanto, práticas de exercícios físicos juntamente com

3 A ortorexia nervosa é um novo distúrbio do comportamento alimentar caracterizado por uma obsessão para comer saudável. O termo (do grego, ortho: correto; orexis: apetite) foi criado pelo médico americano Steven Bratman, autor do livro *Health Food Junkies* (Viciados em comida saudável). As pessoas com este quadro apresentam uma preocupação excessiva com a qualidade da alimentação limitando a variedade; e acabam excluindo certos grupos como carnes, laticínios, gorduras, carboidratos sem fazer a substituição adequada podendo levar a quadros de carências nutricionais

o hábito de uma alimentação saudável e regrada, levam prazer a milhares de mulheres, trazendo uma satisfação pessoal assim como um alívio em meio ao estresse diário. Entretanto, por vezes, o que deveria ser algo satisfatório, a busca por um corpo perfeito pode torna-se uma prática obsessiva levando a hábitos doentios.

Tendo em vista a forma como algumas mulheres lidam com os seus corpos atualmente, entre elas, dietas sem nenhum estudo comprobatório e por vezes, extremas ou ilógicas, podendo desenvolver desde transtornos alimentares, ao excesso de exercícios físicos e a tudo mais a que se submetem, como por exemplo, cirurgias plásticas - sendo este um meio muito utilizado no Brasil, tornando-o o primeiro país no ranking mundial de cirurgias plásticas este ano (SBPC Blog, 2020) tudo isso para sentirem-se bem ou encaixarem-se em um padrão social. Sintoma que aparece no social de grande inconformidade com o próprio corpo e que pode ser a origem de transtornos até patologias, colocando em evidencia a importância de uma reeducação alimentar na sociedade e uma mudança cultural quanto aos padrões rígidos de beleza e do corpo.

Considerando fatores psicossociais e a idealização no “culto ao corpo”, jovens e adultos buscam incessantemente enquadrar-se, sacrificando seus corpos a práticas rígidas. Levando em consideração a grande influência da mídia na construção da autoimagem, pode-se também notar pouca propaganda, projetos e informações sobre a prevenção e combate a tais transtornos alimentares, bem como sugeriu o documentário Muito Além do Peso (2012), onde é demonstrada a falta de informação que a sociedade sofre em relação ao que ingere, ocasionando desta forma o crescente aumento de obesidade.

ou a um quadro completo de distúrbio da conduta alimentar. A ortorexia não foi reconhecido como diagnóstico no manual de psiquiatria, DSM-IV, porém apresenta atualmente mais de 30 trabalhos científicos e deve ser considerado com critérios diagnósticos definidos num futuro próximo, provavelmente dentro do DSM-5 ou no DSM-6 (ABRAN, 2013).

Em contraste, corpos magros, por vezes doentes e fragilizados, cujos a sociedade condicionou-se culturalmente, são desejados e invejados por adolescentes e mulheres, tornando-se algo obsessivo, gerando uma sequência de ações compulsivas como o uso de medicamentos, alimentação controlada, sacrifícios e pensamentos disfuncionais, estabelecendo a inserção cada vez maior deste padrão estético cultural na sociedade.

Por meio disso, o presente artigo foi construído a partir de observações oriundas do Estágio Básico de Observação efetuado no ano de 2017, o qual foi realizado em uma Clínica de Treinamento Funcional, localizada em uma cidade no noroeste do Rio Grande do Sul. Foram realizadas 10 observações na Clínica, a qual contém educadores físicos e fisioterapeutas. As observações foram efetuadas desde o dia 21 de agosto até 24 de outubro, semanalmente, tendo duração de uma hora.

O método de observação adotado foi em uma perspectiva cartográfica, ou seja, o observador em interação com os observados assim modificando o ambiente, acompanhando desta forma os efeitos da observação a partir do objeto, do pesquisador e da produção de conhecimento (PASSOS, BARROS, 2015).

Fora observada uma linha tênue entre o saudável e patológico, assim como o quanto exercícios físicos podem ser construtivos a uma saúde bem estruturada, levando muitas vezes a alívios mentais e emocionais, o que apresentar-se-á no decorrer do presente trabalho.

2 Desenvolvimento

O modo de ver e pensar o corpo não é algo tão atual quanto se parece, pois ambos os sexos, ao passar dos anos vem moldando-se conforme o contexto sociocultural apresentado. Mulheres mudam seu modo de agir e interagir em sociedade, com o intuito de encaixar-se em um padrão estético cultural, assim como,

independente da época, se mantém o corpo feminino relacionado à beleza e ao erotismo. Para Assumpção Jr (2008, p.35):

Essa erotização terá uma repercussão cultural que pode ser observado na questão de como a beleza, no decorrer do tempo, permeia a ideia da mulher no transcorrer das eras, com um padrão diretamente ligado a seu papel na sociedade, em que pese a afirmação de Malinowsky quando refere que, salvo em sociedades específicas, o conceito de beleza encontra-se ligado ao ato de perfeição [...].

A partir da ideia de que a beleza está intimamente ligada à perfeição, é plausível considerar que desde a antiguidade homens e mulheres alternam seus hábitos e cuidados com o corpo para adequar-se a determinado padrão sociocultural estético. A percepção de beleza estética corporal foi alternando-se entre os diferentes períodos da história, consequência gerada pela forma com que o corpo feminino foi sendo associado, conforme as prioridades e necessidades exigidas pela sociedade em determinado momento. Na pré-história, por exemplo, a mulher saliente era sinônimo de fertilidade e beleza, características perpetuadas socioculturalmente nos períodos do Renascimento, Contrarreforma e meados do século XIX, épocas em que a beleza e saúde feminina estavam vinculadas a um corpo propício à procriação (ASSUMPCÃO JR., 2008).

Contudo, na Idade Média são relatados os primeiros casos de Anorexia Nervosa, embora não reconhecida na época como um distúrbio. O corpo ideal estava fortemente relacionado ao Cristianismo, onde algumas mulheres submetiam-se a permanecerem em jejum por longos períodos, com o intuito de uma aproximação divina, já que para essas a magreza era sinônimo de pureza e as afastava do pecado (GADTA, 2017). Porém, somente no século XX, com as diversas modificações sociais, culturais, o crescente desenvolvimento das indústrias, que algumas mulheres desenvolveram uma autonomia em relação a padrões aberrantes como o espartilho, que as impedia muitas vezes de respirar. Foi com a coragem e personalidade de mulheres como Coco Chanel, a famosa estilista francesa que nos anos 20 inventou e introduziu

a sociedade o uso de calças em mulheres, que essas conseguem agir conforme suas prioridades, buscando satisfazer suas próprias vontades.

O corpo torna-se manipulável e as transformações corporais alternam-se década após década, conforme as imagens femininas que surgiam como referências sociais, sobretudo após a influência gerada pelo cinema, para um corpo aceito como padrão, como nos relata Goldenberg:

[...] na segunda metade do século XX, o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo momento da história da beleza feminina, e em menor grau, masculina. A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens (GOLDENBERG, 2002, p. 8).

As mulheres do século XX instauraram de vez o estereótipo de magreza socioculturalmente, por vezes, nos anos 60 e 70, chegaram a ingerir comprimidos a base de anfetaminas pelo fato de estimularem práticas anoréxicas. Embora seja por volta desses mesmos anos, com o ápice nos anos 80, que o padrão estético corporal seja vinculado a um corpo saudável e esportivo, diminuindo desse modo o uso de drogas emagrecedoras (KIRBY, 2010).

A partir de 1990, com a cultura de magreza já instituída, além de uma grande influência publicitária, que levava as passarelas modelos extremamente magras para representar as mais importantes indústrias de moda, as mulheres passaram a admirar cada vez mais esse padrão estético chegando a uma beleza doentia, corpos esqueléticos, recorrendo a hábitos adocedores para obter os resultados esperados (ASSUMPÇÃO JR., 2008; SAFATLE,

2016). Estudos apontam que o transtorno alimentar anorexia com a inserção de purgativos, nestes anos, levavam muitas jovens a comportamentos impulsivos, automutilação e abuso de substâncias, por exemplo (CÔRDAS, 2004). Torna-se então frequente a prática de anorexia e bulimia, as quais se perpetuam até o momento.

Desde então, poucas modificações ocorreram, e os transtornos alimentares continuam a agredir milhares de jovens e mulheres com o intuito de enquadramento social ainda buscado pelas mesmas. Além do corpo magro, foram adquiridos novos padrões como o de uma alimentação saudável, curvas muito bem definidas e grandes.

A prática de exercícios físicos em companhia de uma alimentação saudável é algo benéfico à saúde, trazendo um modo mais benéfico de viver. Durante as observações contataram-se três perfis de mulheres e como atuam diante esta prática. Muitas alunas da clínica a qual foi observada relataram a prática de exercícios físicos como uma forma de liberar os estresses diariamente enfrentados relacionados a emprego, filhos e faculdade. Não deixando de considerar a vaidade, exercitam-se por prazer assim como para adquirirem um corpo nas quais se sintam satisfeitas consigo mesmas, no entanto, não fazem o uso de medicamentos, não seguem uma dieta radical e nem deixam de lado alimentos que lhes trazem alegria, como massas, pizza e carboidratos em geral. Há também a presença de alunas que apresentam uma relação consideradas pelas mesmas como controlada e equilibrada com os alimentos, ou seja, após uma alimentação por elas considerada pesada, fazem o uso de detox ou laxantes como modo de eliminação da gordura adquirida. E por fim, há as mulheres que se limitam a qualquer tipo de alimentos dos quais julgam ser prejudiciais para a dieta e para a obtenção do corpo ideal.

Durante as observações, foi constatado que o auto sacrifício ultrapassou gerações e culturas, tornando-se hoje uma prática comum e aceita entre as mulheres. Muitas das quais foram observadas relataram deixar de ingerir não somente alimentos calóricos, mas também de ingerir comida por um longo prazo,

mostrando a aquisição de dietas extremamente regradas, como o caso de uma aluna da clínica a qual foi observada que substituiu suas refeições por maçãs ou ovos cozidos e ingere somente o que lhe foi recomendado de água. Relatou já ter passado sede em alguns momentos, porém nunca infringindo a dieta a qual para ela é saudável e a faz bem. Vale a pena ressaltar que seis, das nove mulheres observadas, seguem dieta (por vezes rigorosas) sem nenhum acompanhamento nutricional, apenas seguindo dicas e informações fornecidas pela mídia, além dos métodos de emagrecer já instaurados culturalmente. Também, uma das alunas mencionou comer cada vez menos, mais especificamente, diminuir mensalmente a porção de alimentos ingeridos, sendo estes apenas carnes, saladas, frutas e ovos, ou seja, adepta a ortorexia. Segundo Busse e Silva:

A anorexia nervosa é um transtorno do comportamento alimentar caracterizado por limitações dietéticas auto impostas, padrões bizarros de alimentação com acentuada perda de peso induzida e mantida pelo paciente, associada a um temor intenso de tornar-se obeso (BUSSE, SILVA, 2004, p. 31).

Sendo assim, podemos considerar o fato de algumas dessas mulheres que seguem dietas extremamente rígidas estarem a um pequeno passo da anorexia, ou até mesmo já sofrerem com o transtorno, sem ao menos ter conhecimento da mudança físico-mental que está ocorrendo. Todavia, nenhuma relatou sentir-se mal com a situação, ao contrário, sentem-se satisfeitas com os resultados que vão adquirindo com a dieta, bem como pessoas que sofrem de transtornos alimentares, as quais não consideram necessário, e por muitas vezes, quando se trata de anorexia nervosa, não conseguem mais desabituar-se destas práticas.

A Anorexia caracteriza-se por práticas impulsionadas em relação à alimentação. A redução cada vez maior da quantidade de alimentos ingeridos é característica, além dos sujeitos demonstrarem-se obcecados em falar sobre alimentos, medir suas calorias, praticar exercícios físicos repetidas vezes ao dia e em casos de anorexia nervosa, práticas de bulimia são adquiridas. Também

são reconhecidas nesse transtorno as distorções de imagem corporal, onde a pessoa passa a olhar-se mais no espelho e assim se autopoliciar, fato que foi identificado durante as observações, onde foram relatados modos de visualizar o próprio corpo, além de métodos que as mulheres observadas utilizavam para modificá-lo, como por exemplo, a ingestão de laxantes e o uso de cintas modeladoras. Era explícito que as mesmas não necessitavam de tais técnicas.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o Transtorno Dismórfico Corporal (distorção de imagem) é pertencente à categoria dos Transtornos Obsessivos Compulsivos, caracterizado como:

Os indivíduos com transtorno dismórfico corporal (anteriormente conhecido como dismorfofobia) são preocupados com um ou mais defeitos ou falhas percebidas em sua aparência física, que acreditam parecer feia, sem atrativos, anormal ou deformada (Critério A) (DSM-V, 2013, p. 243).

A distorção de imagens está relacionada às mais variadas causas: consciência cognitiva alterada, afetividade e especialmente a baixa autoestima, fazendo com que pessoas que sofrem deste distúrbio vejam e sintam seus corpos de forma errônea e assim, conseqüentemente, sintam-se julgadas e oprimidas pela sociedade, levando a práticas cada vez mais rígidas para manter o controle absoluto de seu corpo (PERES; PREISSLER; TOSATTI, 2007). Assim, muitas alunas das quais foram observadas sentem-se insatisfeitas com determinada área de seu corpo, deixando por vezes de usar roupas curtas, biquínis, saias, qualquer peça que em seu ponto de vista colocaria à mostra o corpo que ela rejeita e luta tanto para esconder e modificar. Desse modo, muitas mulheres observadas relataram um desgosto físico corporal desde a infância e a adolescência, onde se sentiam muito gordas ou magras demais, levando-as hoje a uma busca por um corpo com que se sintam à vontade e satisfeitas, bem como uma aceitação sociocultural.

A partir das observações e estudos, pode-se perceber que são muitos os fatores que levam as pessoas a práticas rigorosas em

relação ao seu corpo, como o excesso de exercícios físicos e má alimentação. Vai desde sua bagagem emocional, a construção de sua autoimagem, seu passado, o modo como enfrenta as adversidades e também, o modo como encara com a opinião e julgamento social, assim, submetendo jovens e mulheres a uma busca por satisfação e equilíbrio consigo mesmas.

3 Considerações finais

Todas as mulheres das quais foram observadas sentem-se à vontade exercendo hábitos por elas aceitos como saudáveis o que para algumas, quando não se torna uma obsessão, de fato é. As mesmas sentem satisfação e prazer conforme os resultados vão aparecendo em seus corpos, o que reforça e dá estímulo a continuarem por uma busca cada vez maior a perfeição.

Esta procura por um corpo ideal parte de uma busca por aceitação, tanto pessoal quanto social. No momento, com um padrão estético já introduzido na sociedade, no cotidiano e mente da população, são poucas as pessoas que se sentem à vontade fugindo do protótipo esperado, que não se deixam afetar pela opinião alheia ou por julgamentos que podem vir a ocasionar-se, como por exemplo, casos de bullying com adolescentes obesos ou que não se encaixam no corpo ideal esperado pelos demais, fato esse de grande angústia entre muitos jovens.

Tendo em vista o cenário atual instaurado de isolamento social devido a pandemia do Novo Coronavírus, quadros e sintomas característicos na sociedade tendem a uma potencialização, pois, devido ao estresse e angústia gerados em um momento caracterizado pela incerteza do amanhã, pessoas que já sofrem de algum transtorno alimentar (ou demais patologias, comorbidades) podem manifestar a ansiedade na alimentação, sendo pelo ingestão excessiva de alimentos ou pela restrição dos mesmos. Entretanto, deve ser apontado que nesse momento as práticas de exercícios físicos podem auxiliar no equilíbrio emocional, bem como reinventar novas práticas e hábitos saudáveis. Ainda não há estudos

que associem as consequências do distanciamento social e mudanças de rotina às pessoas que sofrem de transtornos alimentares ou distorção da própria imagem, ainda assim, dados apontam que na França, a busca pelo Serviço Nacional Contra Anorexia e Bulimia, o qual as pessoas podem buscar ajuda de especialistas através de contato telefônico, aumentou em 20% (Viva Bem, 2020).

Levando em consideração a grande influência da mídia e internet na rotina da sociedade, cabe a estes instaurarem projetos, programas e campanhas em relação à aceitação pessoal de seus corpos, mostrar que magreza não é sinônimo de felicidade, coisa que hoje se pode notar já em desenvolvimento, tendo como exemplo, cantores influentes socialmente que estão incluindo dançarinos dos mais diversos padrões estéticos, ou ainda, marcas de roupas que levam as passarelas modelos *plus size*. Além disso, projetos direcionados a atenção na Saúde Mental precisam ser desenvolvidos, cabe à sociedade, mais que nunca, modificar este pensamento distorcido de que é preciso ser magra para que haja um bem-estar, bem como deve haver uma reeducação principalmente nas escolas sobre a importância de um corpo saudável, reconfigurar a ideia romantizada entre as adolescentes de que transtornos alimentares como anorexia e bulimia são práticas positivas a saúde.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NUTROLOGIA – **ABRAN**. Disponível em: <<http://abran.org.br/para-publico/ortorexia-nervosa/>>. Acesso em: 12 novembro 2017.

ASSUMPÇÃO JR., F. **Psicopatologia evolutiva**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

BUSSE, S. R.; SILVA, B. L. Transtornos alimentares. In: BUSSE, S. R. (Org.). **Anorexia, bulimia e obesidade**. São Paulo: Manole,

2004. p. 31-110.

CORDÁS, T. A. **Transtornos alimentares:** classificação e diagnóstico. **Rev. Psiq. Clin.** 31, 2004.

GOLDENBERG, M. (org.). **Nu e Vestido:** dez antropólogos revel

KIRBY, J. **Dieta para leigos.** Rio de Janeiro, Alta Books, 2010.

Maria Farinha Filmes. **Muito além do peso.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GiHCT4>>. Acesso em: 13 novembro 2017.

O BRASIL ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo. **Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas, SBCCP.** 13 de fev. 2020. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/blog/2020/02/13/lidermundial/>. Acesso em: 16 junho 2020.

PALAZZO, V. L. Histórico da anorexia. **Gatda:** 03 maio 2016. Disponível em: <<http://gatda.com.br/index.php/2016/03/05/historico-da-anorexia/>>. Acesso em: 16 junho 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. [Orgs]. “Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção”. In: **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERES, L.; PREISLER, H.; TOSATTI, M. A. **Revista Brasileira de obesidade, nutrição e emagrecimento:** Imagem corporal e as influências para os transtornos alimentares nas adolescentes jovens. São Paulo, V 1 N° 4, 2007.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos:** Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

QUARENTENA pode agravar quadro de quem sofre de transtornos alimentares. **Uol, Viva Bem.** 29 abril 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/rfi/2020/04/29/quarentena-pode-agravar-quadro-de-quem-sofre-de-transtornos-alimentares.htm>. Acesso em: 16 junho 2020.

O BEM-ESTAR E A QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Gabriela Justen

Marieli Lopes Gamarra

Rejane La Bella Flach Cunegatto

Resumo: O presente artigo tem por finalidade abordar e debater sobre as experiências obtidas do Estágio Básico de Grupos. Nesta prática buscamos conhecer e analisar idosos que residem na Instituição, bem como procuramos desenvolver ações que contribuam com o bem estar e qualidade de vida do idoso. O estágio foi realizado em um lar do idoso público localizado em um município da região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Devido às peculiaridades deste grupo realizamos dinâmicas de grupo que tiveram com o objetivo introduzir em seus cotidianos momentos de alegria e descontração, além de proporcionar momentos de escuta e acolhimento de suas ideias ou desejos. Diante desta prática acadêmica e das abordagens utilizadas, analisando a fase da velhice e contexto social em que os idosos estão inseridos foi possível constatar o grande sofrimento que a institucionalização produz, juntamente das perdas comuns, inerentes ao processo de envelhecimento. Foi possível constatar também que estes idosos são carentes em diversas modalidades como, por exemplo, afetivas, a falta de estímulo intelectual para os mesmos assim como de uma interação entre os idosos ali presentes.

Palavras-chave: Bem estar. Qualidade de vida. Idoso institucionalizados.

1 Introdução

O presente artigo foi desenvolvido a partir do estágio Básico de Grupos proposto pelo curso de psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) campus de Santo Ângelo. Esta prática curricular foi realizada em um lar de idosos público, localizado em um município pertencente à região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Os

grupos foram realizados com idosos com idades variadas e ambos os sexos, a instituição abriga 27 idosos com a faixa etária de 55 a 103 anos, a maioria possui algum tipo de enfermidade, podendo-se destacar, em especial, a Esquizofrenia e o Alzheimer.

O envelhecimento pode ser caracterizado por um processo natural da vida humana onde ocorrem mudanças tanto no físico, social e psicológico da pessoa. Nesta fase há uma reflexão relacionada à sua existência, relembrando os objetivos alcançados e as perdas sofridas, em especial a saúde que tende a ser a maior destas preocupações. (MENDES et al., 2005).

O lar do idoso é considerado uma instituição total devido suas características que retiram o sujeito da sociedade, estabelece toda uma nova rotina e ritmo para o cotidiano do sujeito.

Seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social dos moradores em relação ao mundo externo. Instituições Totais colocam uma barreira entre o internado e o mundo externo, de modo que o asilo segue seu ritmo dia após dia, nada devendo atrapalhar a rotina metódica, uma vez que o serviço deve continuar (GALINDO, PAIVA, 2008, p. 21 apud LOUZÁ et al., 1986, p. 145-143).

Sem o apoio familiar muitos idosos não encontram outra saída a não ser a sua inserção em um asilo. Todavia, não é correto se universalizar esta idéia, pois há idosos que escolhem pela permanência em um asilo, porém nota-se num contexto mais amplo que idosos que encontram outras opções, que não sejam os asilos, elegem por essas ou também que a grande maioria destes percebem o asilo como o que lhes resta. (MAZZA, 2002).

Nosso objetivo com a formação do grupo foi contribuir para uma melhor qualidade de vida para estes idosos institucionalizados. Néri (2004) afirma que a psicologia possui técnicas de diagnóstico, avaliação e intervenção que auxiliam no bem-estar emocional destes idosos. Tais técnicas buscam a recuperação da qualidade de vida destes que podem ser saudáveis ou doentes ou que vivem na sociedade ou nas instituições, abrangendo áreas como família, relações sociais, lazer, sociabilidade, trabalho, instituições, etc.

Ainda segundo Bastos (2010), que se baseia nas ideias de Pichon-Rivière (1988), o grupo pode ser considerado um dispositivo que colabora para a transformação da realidade, além de os seus integrantes passarem a desenvolver relações grupais. Relação esta que ocorre através da partilha de objetivos em comum, de uma participação ativa destes além de terem desenvolvida a percepção de como ocorre à interação e o vínculo entre o grupo.

No que se refere ao trabalho em grupo Lemos e Júnior (2009) afirmam que o mesmo facilita a inclusão dos sujeitos participantes no mundo, não os restringindo ao subjetivo. Com a técnica grupal é possível trabalhar situações inter-relacionadas, problemas relacionados na perspectiva social-comunitária, as patologias ali presentes além de se poder trabalhar com situações pontuais deste grupo, além disso, o trabalho grupal pode atingir dilemas institucionais. Com esta afirmativa é possível se constatar que desta forma é possível alcançar a ideia de saúde biopsicossocial.

2 Desenvolvimento

O proposto artigo visa abordar aspectos relacionados à qualidade de vida de idosos institucionalizados. Também será tratado a respeito das características de um lar do idoso e de como as vivências na instituição podem causar sofrimento nos idosos e com a prática buscou-se proporcionar estratégias para melhorar a qualidade de vida dos mesmos.

A lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, afirma que é dever da família, da comunidade, sociedade e Poder Público assegurar ao idoso o bem estar e saúde do mesmo. Quando a família não é capaz de assegurar isto, por diversos fatores específicos de cada caso, é dever do Poder Público garantir que o mesmo tenha seus direitos preservados, devido a isso existem os lares de idosos públicos.

Apesar dos diversos malefícios trazidos ao idoso as instituições asilares também proporcionam algumas características adequadas ao bem estar do idoso ali presente. Souza, Rosa e Souza

(2011) pontuam que tais instituições possuem uma estrutura física e profissionais adequados para realizar o apropriado cuidado destes idosos.

No lar que realizamos o estágio há profissionais com uma formação adequada para realizar o cuidado dos mesmos, porém há também pessoas que estão trabalhando que não demonstram preparo ou vontade para cuidar destas pessoas que necessitam de grande atenção e zelo. Algumas situações se destacaram quanto a este assunto como, por exemplo, uma das funcionárias interrompeu o grupo e gritou com uma das senhoras ali presentes, pois a mesma havia tomado chimarrão ou quando ao chegarmos em outra situação um funcionário estava brigando com um idoso. A estrutura física do local, apesar de antiga, garantia mobilidade para todos os idosos com rampas, corrimões e barras de ferro na parede dos banheiros.

Ao iniciarmos o estágio nos deparamos com diversas dificuldades em relação a adaptar a proposta de grupo as capacidades restritas dos idosos ali presentes. Nos momentos iniciais pode-se perceber que grande parte dos idosos ali institucionalizados não desejavam estar neste local, mas ali estavam devido as suas limitações físicas e pela falta de apoio familiar.

A partir das limitações do local e dos idosos foi necessário transformar o grupo para uma estrutura fechada, porém apesar desta mudança ainda se teve dificuldades quanto a atividades que envolvessem a saúde física dos mesmos, desta forma passamos a evitar estas e trabalhar com outras propostas. Foi possível a confecção de cartazes, a atividade com cartas de baralho e também dinâmicas que envolvessem a fala e a escuta dos integrantes. Propusemos dinâmicas que traziam grande alegria a eles já que afirmavam gostar de falar sobre os assuntos trazidos (lembranças, músicas, etc.), dentre o que trabalhamos o que mais atraiu a atenção deles foi quando trouxemos imagens que remetiam a situações do passado (poço, carroça, lavoura, etc.) onde eles puderam contar um pouco mais de suas vidas para nós, um senhor até nos pediu para trazermos mais atividades do tipo ao grupo. Outra atividade que alegrou muito o grupo foi quando levamos músicas para ouvirem

e debaterem sobre a letra das mesmas, com o decorrer do estágio notamos como a música alegrava eles.

Segundo Mazza (2002 apud CHAIMOWICZ e GREGO, 1997, p.455) “Os fatores de risco para institucionalização tais como: morar só; ter suporte social precário e baixa renda são cada vez mais freqüentes no Brasil”. Na presente Instituição foi possível encontrar diversos casos e motivos que levaram estes idosos a serem institucionalizados, porém vale destacar que grande parte destes nunca constituiu uma família e que desta forma morava sozinho antes de chegar a Instituição.

Em geral, as instituições de longa permanência apresentam um poder disciplinar e são marcadas por regras rígidas e rotina diária regida por horários determinados. Devido à vida padronizada e à falta de perspectiva, os idosos perdem o direito de expressar sua subjetividade e seus desejos, vendo sua vida limitada social, afetiva e sexualmente em um espaço físico semelhante a grandes alojamentos, onde raramente se encontra uma proposta de trabalho voltada para a manutenção de idosos independentes e autônomos. (SILVA, COMIN, SANTOS, 2013, p. 826 apud PAVAN, MENEGHEL, JUNGES, 2008, p. 2187-2190).

Tais rotinas e regras são passíveis de serem notadas nesta instituição que possui horário para tudo que os idosos fazem durante o dia, café, almoço, lanche, hora de dormir, hora do banho, etc. A subjetividade dos idosos que ali encontramos é muito pouco valorizada, o idoso é apenas mais um dos ali presentes, eles não tem autonomia de fazer escolha alguma. Desta forma buscamos revigorar a subjetividade dos mesmos assim como fazer com que estes se sentissem seres pertencentes ao lar. Para isto durante as atividades dos grupos ressaltamos diversas vezes que eles pertencem a este lugar e que eles são uma das partes importantes do lar e que este não existiria sem a presença dos idosos.

Quanto à estrutura do local o mesmo é como citado anteriormente, um local que remete muito a um alojamento, com quartos compartilhados e uma pequena sala de TV, além de um refeitório, áreas externas e uma sala para a fisioterapia. Tal estrutura

impossibilita qualquer privacidade dos mesmos além de não proporcionar atividades diferenciadas para os mesmos realizarem durante o dia.

Com o objetivo de trazer um espaço mais alegre e colorido realizamos diversas atividades que ficaram expostas no local, como por exemplo, as pinturas da páscoa, o cartaz “para ser feliz...” e o de suas mãos, para assim eles se sentirem parte atuante da Instituição, aspecto que foi possível notar que não sentiam até então. As pinturas de Páscoa envolviam os símbolos desta e no fim pedimos que cada um dos integrantes expusesse algum desejo para esta data, desejo este que foi escrito junto à pintura. O cartaz “para ser feliz...” foi produzido através da idéia de o que deixa eles felizes hoje, nele os integrantes adicionaram imagens com atividades que eles afirmavam gostar de fazer (por exemplo jogar carta, passear, tomar chimarrão, conversar, etc.). Já o cartaz com o desenho de suas mãos foi criado com a intenção de lembrar que eles deixam marcas na vida das pessoas e do lar, nela além dos desenhos das mãos foi adicionada uma frase que remetia a esta afirmativa (Passam-se os anos e o que fica são as marcas de um tempo.).

Além de estas atividades que visaram estimular o sentimento de pertença também foi possível se trabalhar a subjetividade dos idosos, por vezes esquecida e desta forma valorizá-la através da escuta de seus desejos e vontades os quais foram expostos nos cartazes elaborados e compartilhadas no grupo através da fala dos mesmos.

Segundo Lima, a intervenção psicológica em grupo com adultos de idade avançada revela vantagens emocionais e cognitivas superiores às intervenções individuais. Tendo em apreço esta temática, a investigadora supracitada, enfatiza que os “idosos institucionalizados facilmente podem ser agrupados, tornando as intervenções mais econômicas”, possibilitando a um maior número de pessoas usufruir dos benefícios resultantes da intervenção, de entre os quais destacamos: promoção de esperança, interação social e planejamento realista de objetivos; diminuição do isolamento; aumento de aceitação, aprendizagem, treino de competências e auto-

estima. (OLIVEIRA, LIMA, 2011, p. 230, apud LIMA, 2004, p.26).

É possível notar que a ideia do autor supracitado se faz presente no lar, pois de fato seria uma tarefa muito complicada e demorada se trabalhar individualmente com cada idoso. Buscamos trabalhar com o grupo de idosos institucionalizados: a promoção de esperança, a diminuição do isolamento e aumento da interação social e da auto-estima.

Quanto ao que foi referido por Lima (2004) de que seria mais fácil reunir um grupo de idosos institucionalizados em nosso estágio isso não se aplicou. Encontramos muitas dificuldades em reunir idosos para o grupo, mesmo após este se tornar fechado.

Os idosos, às vezes, falam que sentem vontade de sair e falta do que fazer. Entretanto, quando convidados a fazerem algo, preferem ficar em seus lugares “sem fazer nada”. “O que acontece” no asilo “é o que não acontece. Proliferações imensas que não estão preocupadas com a realização de um possível” (MAIA, LONDEIRO, HENZ, 2008, p. 53, apud HENZ, 2005, p.22).

O que mais condiz com o que se passou em nossa experiência é a ideia de Henz de que a maioria dos idosos sente vontade de fazer algo diferente, mas quando este diferente é proposto os mesmos por algum motivo recuam. Nosso grupo inicialmente foi formado por oito idosos que se dispuseram a participar das atividades quando convidados, porém, em nenhum momento tivemos a presença de todos, pois sempre havia algum motivo que eles afirmavam impedir de participar, a maioria alegava estar com dores físicas.

O uso da arte foi utilizado no estágio através de músicas, de confecções de cartazes e pinturas, por exemplo. O emprego da arte na prática grupal permite identificar através da música, escrita, imagens a expressão dos sentimentos, ideias e sensações dos sujeitos (GUEDES; GUEDES; ALMEIDA, 2011).

A arte no grupo dos idosos institucionalizados foi utilizada com a intenção de compreender a subjetividade de cada participante, estimulando a expressão dos sentimentos destes como, por exemplo,

no cartaz onde trabalhamos os motivos e atividades que os deixam felizes, alguns dos motivos citados fora: abraço, beijo, chimarrão, amizades, dançar, animais, flores, etc.

Inicialmente a ideia de propor atividades utilizando a arte ocorreu com o objetivo de estimular mais a motricidade deles, porém no decorrer dos encontros foi possível constatar que estas eram inviáveis para este grupo devido as diversas limitações físicas que eles possuíam, havia cadeirantes, outros com algum membro amputado ou com seqüela de AVC, então foi necessário adaptar as atividades para estarem de acordo com as condições físicas dos mesmos.

O trabalho com idosos institucionalizados é algo que exige não apenas um domínio de estratégias psicológicas e metodológicas, mas muito mais uma sensibilidade para ouvir deles suas histórias, sofrimentos e vida. Não é possível realizar diversas atividades com eles devido suas limitações tanto físicas como cognitivas, já que com o passar dos anos esta passa a se reduzir.

O público alvo de nosso estágio foi muito específico e devido a isso foi necessário se adaptar todas as ideias para eles. Não é possível se esperar muitas mudanças perceptíveis nestes que já viveram grande parte de sua vida e já não são mais tão flexíveis como quando jovens.

Devido às características do grupo se teve a intenção de proporcionar um bem estar no presente destes idosos institucionalizados através de atividades que proporcionassem momentos de alegria e diversidade aos seus dias tão monótonos. Realizar grandes mudanças neles, como já citado, seria algo muito difícil e que não envolveria apenas eles, mas sim toda a instituição (idosos e funcionários) além de que para isso seriam necessários muito mais do que os dez encontros propostos para o estágio.

3 Considerações finais

Ao concluir o estágio de grupos, foi possível perceber a importância de tornar a velhice uma fase mais agradável e confortável. Acredita-se que quando vivida ao lado da família e de pessoas amadas esta fase da vida, tomada de mudanças e perdas, se torna mais favorável e simples para estes através da companhia destes que lhes amam. No entanto, atualmente há um grande número de idosos institucionalizados, que vivem carentes deste carinho e amor que a família lhes passaria. Esta carência e as diversas perdas desta fase muitas vezes os fazem se sentir inválidos, solitários (solidão que é identificada em demasia nos asilos), descartáveis, alguns até acreditam que já viveram tudo o que poderiam e então deixam de viver o agora e passam a apenas esperar a morte.

Paschoal (apud GRIMLEY-EVANS,1992, p.107-116) afirma que “saúde é valiosa à medida que promove felicidade; longevidade é valiosa à medida que oferece oportunidades continuadas para a felicidade”. Nos idosos da instituição a saúde já não traz mais felicidade devido as comorbidades que todos possuem, este é um dos fatores que torna os asilos um local onde não se encontra muitos momentos de alegrias. Mas com as atividades propostas no grupo foi possível proporcionar diversos momentos alegres e descontraídos aos idosos assim como fazer com que estes sentissem que são importantes e capazes.

Foi trazido no grupo também que a felicidade em pequenas coisas é possível assim como em viver dias felizes e com novas oportunidades na velhice, os idosos em sua maioria acreditam que já passaram por tudo e que não teriam mais nada a viver, esta ideia deve ser trabalhada e mostrado a eles que ainda há diversas coisas a aprender e viver mesmo em suas idades avançadas.

Apesar das dificuldades encontradas ao longo do estágio e da impossibilidade de gerar grandes mudanças neste grupo tão singular os encontros nos proporcionam diversos aprendizados quanto a valorizar mais a vida, já que ao longo do estágio nos deparamos com algumas mortes no lar, e perceber que uma hora

do nosso dia pode mudar o dia de outra pessoa, pois a alegria de cada um ao ter alguém para ouvir suas histórias e lhes propor algo novo era visível.

Referências

BASTOS, Alice Beatriz B. Iziq. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicol inf.**, São Paulo , v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõem sobre o estatuto dos idosos e dá outras providências. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], Brasília.

CORDIOLI, A.V. **Psicoterapias: abordagens atuais**. Porto Alegre, Artmed, ed. 2, 1998.

GALDINO D.; PAIVA A.M. A construção de lugares no cotidiano de idosos em instituições totais: subsídios para a atuação em asilos. **Interseção**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 21-30, abr. 2008.

GUEDES, M.H.M.; GUEDES, H.M.; ALMEIDA, M.E.F. **Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos**, Redalyc.org, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 4, p. 731-742, 2011.

LEMOS, P.M.; JÚNIOR F.S.C. Psicologia de orientação positivista: uma proposta de intervenção no trabalho com grupos em saúde mental. **SciELO saúde pública**, Fortaleza, p. 233-242, 2007. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232009000100029&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MAIA, G.F.; LONDEIRO, S.; HENZ, A.O. **Velhice, instituição e subjetividade**,

Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.24, p.49-59, jan./mar. 2008.

MAZZA, M.M.P.R. A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso. In: **Cuidar em família. Análise da representação social da relação do cuidador familiar com o idoso 2004**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2004, p. 68-77.

MENDES, R.S.S.B.; GUSMÃO, J.L.; FARO, A.C.M.; LEITE, R.C.B.O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**, Acta, São Paulo, vol. 18, n. 4, p. 422-426, 2005.

NÈRI A.L. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. **Revista brasileira de ciências do desenvolvimento humano**, Passo Fundo, p. 69-80, 2004.

OLIVEIRA, J.A.G.; LIMA, P.M. **Terapia de esperança: uma intervenção grupal que visa promover a esperança de idosos institucionalizados**. Revista de psicologia, educação e cultura semestral, Coimbra, vol. 15, n. 2, p. 229-244, dec. 2011.

PASCHOAL, S.M.P. Qualidade de vida na velhice. **Portal do envelhecimento**, São Paulo. Disponível em: < <http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/pforum/eqvspp4.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, J.D.A.; COMIN, F.S.; SANTOS, M.A. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **SciELO**, Porto Alegre, vol. 26, n. 4, p. 820-830 oct./dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400023>. Acesso em: 05 jun. 2019.

SOUZA, D.M.; ROSA, D.O.S.; SOUZA, M.M. Representações do idoso asilado sobre os cuidados da família. **Revista temática Kairós gerontologia**, São Paulo, jun. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/6498/4711>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

A INTERAÇÃO PSICOSSOCIAL ENTRE USUÁRIOS DO CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL)

Julia Dalenogare Machry¹

Sabrina Alves de Souza²

Resumo: O estágio básico de observação proposto pelo curso de psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santo Ângelo, foi realizado no centro de atenção psicossocial. Foram efetuadas as observações no grupo terapêutico proposto pelo CAPS, onde o foco principal foi observar as interações psicossociais dos pacientes, bem como a forma que reagem entre si e com os outros, totalizando dez encontros. Por meio deste, pode-se estabelecer uma percepção de que os pacientes necessitam dessas interações psicossociais para uma melhor qualidade de vida, visando que, a sociedade hoje em dia tem medo do desconhecido, tem medo de se relacionar com pessoas que, na visão delas, não são normais.

Palavras-chave: Interações psicossociais. Usuários. Transtorno mental.

1 Introdução

O presente artigo irá trabalhar sobre a experiência obtida através do estágio básico de observação que foi proposto aos alunos do 4º semestre do curso de psicologia da URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões). O propósito deste, foi realizar uma experiência entre teoria e prática, levando em consideração as disciplinas estudadas anteriormente.

1 Acadêmica do sexto semestre do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santo Ângelo. Email: Julia.dalenogare@outlook.com

2 Professora do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santo Ângelo. Email: Sabrina@san.uri.br

O estágio básico de observação foi realizado no CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial). É um serviço de saúde oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde) para tratar pacientes que sofrem de transtornos mentais, entre outras patologias. Essa instituição foi criada com o objetivo de combater os antigos manicômios, oferecendo assim, um serviço de qualidade e mais humanizado aos usuários. Durante esses dez encontros, foi observado um grupo terapêutico composto por uma média de quinze a vinte pacientes no turno da manhã.

O presente artigo tem como finalidade discutir teoricamente a interação psicossocial entre usuários do CAPS I que estão em sofrimento psíquico, onde, em decorrência de seus transtornos, a sociabilidade entre os pacientes ou pessoas de fora se torna dificultosa e precária, considerando que o centro de atenção psicossocial visa estabelecer um vínculo entre pacientes e a sociedade, sendo lá, um lugar de criatividade, novos aprendizados e construção de vida entre eles.

A interação psicossocial conceitua-se de maneira que o indivíduo que sofra de transtornos mentais possa estabelecer qualquer relação com a sociedade, a população tem de compreender esse aspecto, dar atenção e cuidados ao usuário que está em sofrimento psíquico.

2 Desenvolvimento

Dia dezenove de agosto se deu início às minhas observações no CAPS I (centro de atenção psicossocial). Com base em informações obtidas através do Ministério da Saúde podemos considerar que o CAPS conceitua-se como:

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) nas suas diferentes modalidades são pontos de atenção estratégicos da RAPS: serviços de saúde de caráter aberto e comunitário constituído por equipe multiprofissional e que atua sobre a ótica interdisciplinar e realiza prioritariamente atendimento às pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo

aquelas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas, em sua área territorial, seja em situações de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial e são substitutivos ao modelo asilar (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p.1).

Visando que também existem diversas modalidades de centros de atenção psicossociais, sendo que este se encaixa na categoria de CAPS I, que tem o objetivo de atender todas as faixas etárias para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Meu objetivo era de observar o grupo terapêutico que acontecia semanalmente todas as segundas feiras. Após chegar ao local, eu me posicionava sempre em um canto da sala, para não atrapalhar ou tirar a atenção do grupo. Os componentes variavam em relação à faixa etária, e tinham em torno de 25 a 75 anos de idade, ou seja, alguns encontram-se na idade adulta, e outros na velhice. Considera-se que idade adulta é geralmente caracterizada por uma fase da vida em que as pessoas já são completamente autônomas, tem suas responsabilidades, seus objetivos e metas.

A idade adulta é um período de estagnação, onde o adulto já atingiu suas metas e sai em busca de relacionamentos, se preocupa mais com os outros do que consigo mesmo. (ERIKSON, 1959).

Já na chegada da velhice acredita-se que ocorre geralmente aos 65 anos de idade, e é caracterizada por algumas mudanças em que os cabelos ficam grisalhos, os músculos mais fracos e geralmente alguns problemas de saúde surgem.

Na velhice temos de aprender a enfrentar o fim da vida com sabedoria e paz, buscando a integridade do ego, e dando valor as nossas experiências já vividas. (ERIKSON, 1959).

Relacionando aspectos da vida adulta associados a pacientes que sofrem de transtornos mentais, pode-se dizer que os usuários sofrem com condições de anormalidade de ordem psicológica, cognitiva e mental, dificultando suas relações psicossociais e conseqüentemente, sendo incapacitados de exercer suas funções

do seu dia a dia, apesar de seu direito como cidadão. A partir do conceito de transtornos mentais pode-se compreender que:

Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental (MANUAL DSM-5, 2014, p. 62).

Do início ao fim do estágio, meu objetivo foi de observar diretamente como era a relação psicossocial entre os usuários do grupo terapêutico. Por relações psicossociais acredita-se como qualquer vínculo que o indivíduo possa estabelecer com a sociedade para o desenvolvimento de sua psique. Considera-se que essas relações também tem o objetivo de criar um meio afim de que a sociedade compreenda o sujeito com transtorno mental e se responsabilize pela atenção e apoio a ele.

As relações psicossociais contemplam o que está na ordem da sociedade e o que faz parte do psíquico. Estão envolvidos, aspectos de interação entre o físico, o psicológico, o ambiente natural e o social. Essa abordagem compreende que nossa história de vida é marcada pelas relações, cujas condições sociais e familiares se manifestam no dia a dia (ENRIQUEZ, 1997).

Numa visão geral, os usuários são muito interativos em relação a seus transtornos, o grupo era composto por pessoas que sofriam de esquizofrenia, transtorno afetivo bipolar, retardo mental, transtorno bipolar, deficiência intelectual, entre outros. Ao iniciar-se a terapia, a psicóloga perguntava como havia sido o final de semana dos pacientes. Alguns faziam de tudo para falar primeiro, gerando brigas e ansiedades no grupo. Depois de algumas semanas, a psicóloga que ministrava o grupo, adotou uma medida em que ela decidia quem iria falar primeiro, e assim por diante.

Como me refiro a um grupo terapêutico, devemos levar em consideração que este é composto de diferentes variedades de pessoas. Existem os que falam mais, os que são mais quietos, os briguentos, os que estão sempre de bem com a vida, os que

incomodam, e vários outros jeitos de pessoas que um grupo pode constituir. No grupo terapêutico havia uma moça que continha esquizofrenia e transtorno bipolar, ela era casada com outro usuário do grupo que tem o diagnóstico de esquizofrenia. Os dois moravam juntos há alguns anos, um cuidando do outro. Eles estavam sempre juntos na terapia, e a moça frequentemente provocava brigas com os outros pacientes mesmo não tendo motivos. Contudo, em outros dias, ela apresentava muita alegria, abraçando a todos e falando que tudo corria muito bem.

Um paciente em que relatei nos meus diários de campo, sofre de depressão leve e transtorno bipolar, eu o vi falar em apenas um, dos dez dias de observação. Ele era o primeiro a chegar e o último a sair, mas ficava apenas sentado e quieto, não respondendo quando a psicóloga lhe perguntava algo. Acredita-se que esse paciente não goste muito da psicóloga, pois, a única vez que falou foi o dia em que a assistente social deu uma atividade no CAPS pelo fato de a psicóloga não ter conseguido comparecer ao trabalho.

Existem dois pacientes que estão sempre de bom humor e para eles não existe dia ruim, eles têm uma amizade fora do CAPS, o que é um bom sinal, estão sempre se abraçando e falando o quão importante são um para o outro. Em meu primeiro dia de observação já percebi o quão eram gentis, um deles chegou atrasado na terapia e o paciente A diz “não, não, senta aqui onde eu tô, eu pego outra cadeira.”(Anexo 1)

Também há outro usuário que é muito famoso pela cidade, ele sofre de retardo mental grave, e em vários casos tem sua sexualidade aflorada, também possui problemas de fala (dislalia), ele frequenta a terapia regularmente, mas não fala muito. Quando se sente incomodado por alguém, ele começa a gritar e correr de um lado para o outro. Em alguns dias que fui lá ele me chamava de “mimosa”, imagino que seja pelo fato de ter sua sexualidade aflorada. Algumas pessoas já foram até o CAPS reclamar que ele tentava beijar as pessoas na rua.

Outra paciente relata seus delírios em terapia, escuta vozes, ri sozinha, está sempre desconfiada que algo de ruim possa acontecer com ela, mas tudo isso devido à sua medicação que é tomada incorretamente, seus familiares não a ajudam muito em relação ao tratamento.

Todos esses pacientes chamaram bastante minha atenção durante a terapia em grupo, todos eles tem um papel especial na constituição desse artigo, a relação entre os pacientes é excelente, todos conversam sobre assuntos que são abordados na terapia. Considerando também o fato de que eu era um indivíduo novo para eles, todos reagiram muito bem a isso. Na primeira observação, alguns ficaram um pouco receosos por ter alguém lhes observando, mas depois todos se sentiam muito a vontade em relação a esse ponto.

Sempre ouvi pessoas ao meu redor com certo receio ou, até arriscaria dizer medo, de pessoas que frequentam o CAPS, porém, não vejo o porque. Considera-se que isso seja algo que já esteja permeado na sociedade há muito tempo, e que seja difícil, agora, mudar essa imagem errada das pessoas. No meu ponto de vista, isso só prejudica ainda mais os usuários que estão em sofrimento psíquico, eles precisam criar um vínculo com o mundo que está fora do CAPS, isso é necessário, estabelecer pontes com a sociedade é de extrema importância quando estamos nos referindo a relações psicossociais, os usuários são totalmente abertos a novas amizades, mas as únicas que lhes são proporcionadas são somente entre eles, pacientes que frequentam regularmente o CAPS. Acredito que as pessoas ainda tenham essa visão errada na perspectiva de que:

Os transtornos mentais ainda são alvos de discriminação social por gerarem mal-estar nas pessoas, não só pelo medo do desconhecido, mas por se referirem a algo permeado por crenças e preconceitos (MOLL E SAEKI, 2009, p.4).

Acredita-se que os usuários que sofrem de transtornos mentais ainda sofram muito diante da sociedade, pelo motivo de que a população já criou uma ideia definitiva sobre eles que já vem

sendo constituída desde a idade média, e imagino que seja muito difícil de desfazer esse pensamento. Temos de nos conscientizar sobre esse assunto e estabelecer vínculos com esses usuários que tanto precisam da nossa ajuda.

Ao ser conceituado como doente, é que o cidadão perde o domínio da responsabilidade, o poder de decisão e se torna servo do especialista e da família. É uma servidão que num certo sentido, não só comanda, quase totalmente, a vida e o destino do homem, mas também acaba interferindo e exercendo controle nas rotinas do doente mental. Nesse sentido, só é cidadão quem é normal, a cidadania só é adquirida a partir da condição de normalidade social, orgânica e mental. (BIRMAN E SERRA, 1988)

3 Considerações finais

Considerando o assunto abordado no artigo, podemos assim relatar que as interações psicossociais entre os usuários do CAPS são excelentes, todos interagem bem entre si, todos brincam, se relacionam, e alguns até são casados, sendo que, acredita-se que a terapia em grupo e outras atividades proporcionadas ao CAPS criam um vínculo entre os usuários que é muito importante para o desenvolvimento dos mesmos. Considera-se que as interações psicossociais são necessárias aos pacientes, considerando que estas mesmas desenvolvem maiores benefícios e melhor qualidade de vida a eles.

As interações psicossociais tem um papel muito importante quando se trata de usuários de centros de atenção psicossociais, pois são elas a quem proporciona aos pacientes se sentirem livres, se adaptarem ao local. Interagir com outras pessoas faz bem a nossa saúde, e não só quem é usuário do CAPS, mas, todos nós.

Acredita-se que pacientes que sofrem de transtornos mentais ainda são alvos na sociedade por um pensamento por parte preconceituoso, eles são olhados de outra forma quando vistos na rua ou em algum evento, acredito que esse “medo”, seja

desencadeado na medida em que eles não conhecem quem os usuários realmente são, de julgar por algo que não sabem e que está permeado há muito tempo em nossa sociedade. Desfazer esse pensamento errado das pessoas é algo que irá exigir muito trabalho.

Vejo que hoje, alguns eventos são criados para incluírem os usuários na sociedade e permitir estabelecer relações psicossociais com outros. São esses eventos que estão ajudando os usuários a terem um melhor desenvolvimento, participando de eventos que acontecem na cidade, como feira do livro, caminhada do outubro rosa, desfile cívico, entre outros projetos feitos pela cidade.

O estágio de observação me proporcionou uma ótima experiência, adorei conhecer os usuários e também a equipe que trabalha lá. O CAPS é um lugar acolhedor, todos são carinhosos e atenciosos, os profissionais brincam com os pacientes, e todos têm ótimas relações.

Concluindo o presente artigo, visio reforçar que as interações psicossociais são de importância absoluta para o desenvolvimento dos usuários e entre outras atividades proporcionadas, considerando também que a sociedade tem de desfazer essa visão distorcida a respeito dos usuários, incluindo eles em eventos da sociedade para que possam se sentir acolhidos.

Referências

BIRMAN, Joel & SERRA, Antonio. **Os descaminhos da subjetividade: um estudo da instituição psiquiátrica no Brasil**. Niterói: Editora Universitária/EDUFF, 1988.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

ENRIQUEZ, Eugéne. **A organização em análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais 5º edição. **DSM-5**: Editora Artmed. São Paulo, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Centro de atenção psicossocial (CAPS)**. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/693-acoes-e-programas/41146-centro-de-atencao-psicossocial-caps> Acessado em 02 Nov. 2019.

MOLL, Marciana Fernandes; SAEKI, Toyoko. **A vida social de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, usuárias de um centro de atenção psicossocial**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, Dec. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000600011&lng=en&nrm=iso. Acessado em 02 Nov. 2019.

RESUMOS SIMPLES



O INFERNO É A PANDEMIA: AS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DO COVID-19

Roberto Salbego Donicht¹

Lizete Dieguez Piber²

Resumo: Os efeitos advindos da Pandemia do COVID-19 estão ressoando em todo o globo, problemáticas tanto de curto como a longo prazo já podem ser analisadas e suas consequências dimensionadas, desde do nível macrosocial afetando a economia e política global até o microssocial com fechamentos de escolas e distanciamento social, havendo ainda por fim o nível individual com malefícios a saúde física e mental advindas de mudanças repentinas do cotidiano. Essas questões da pandemia e tais problemáticas supracitadas se fizeram evidentes na prática de Estágio Curricular em Ênfase A3: Práticas Sociais e Institucionais em Psicologia, onde o autor realiza estágio em instituições escolares. A pandemia do COVID-19 ocasionou em readaptações nas propostas de intervenções escolares para atender as demandas dos professores e instituições, sendo uma das intervenções realizadas relacionada aos efeitos na saúde mental causadas pelo o advento da pandemia e do isolamento social e quais seriam as intervenções possíveis de enfrentamento e mitigação desses problemas. Observando a importância da divulgação de tais achados, o presente resumo tem como intuito, através de uma revisão bibliográfica, esmiuçar as consequências psíquicas oriundas da pandemia do COVID-19, esclarecendo melhor os malefícios para a saúde mental devido a atual condição em que o mundo inteiro encontra-se. Percebe-se, que, a mudança de cotidiano, o isolamento social, a frequente exposição a um estímulo aversivo como o COVID-19, o estresse

1 Aluno de Graduação do Curso de Psicologia da URI Santo Ângelo. E-mail: robertodonicht@hotmail.com

2 Professora do Curso de Psicologia da URI Santo Ângelo. E-mail: lizeted@san.uri.br

familiar e questões financeiras estão colaborando para o surgimento de angústia e sintomas como: estresse, ansiedade, tristeza, medo, raiva, tédio e dentre outros, afetando principalmente profissionais da saúde. Ademais, esse resumo também contribuí trazendo algumas reflexões teóricas acerca do que a Psicologia e a Análise do Comportamento tem a contribuir no combate aos malefícios e dificuldades supracitados. A Psicologia e Análise do Comportamento podem e devem atuar em três áreas de ação, sendo elas: Informação e conscientização; atendimento online e intervenções voltadas ao público; pesquisa e divulgação científica.

Palavras-chave: COVID-19. Psicologia. Análise do Comportamento. Saúde Mental e Pandemia.

A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Laura Cabral Frainer¹

Giana Bernardi Brum Vendruscolo²

Resumo: O atual trabalho é resultado do estágio de observação do quarto semestre, do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo. Tem como objetivo discorrer sobre os aspectos presentes na interação das crianças, na faixa etária de dois a três anos, considerando as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon, e também, os aspectos individuais característicos de tais idades. Dessa forma, é realizada uma correlação entre os exemplos das observações realizadas em uma escola de educação infantil, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, e os estudos de tais autores. Os interacionistas citados tentaram expor com seus estudos que as trocas que o indivíduo estabelece com o meio são a base da construção da capacidade de conhecer e aprender. Para Piaget, a fase da faixa etária analisada é a de pré-operatório: não age mais por tentativa e erro, mas consegue representar mentalmente as situações, ou seja, pensar na ação e antecipar a consequência. A imaginação e a linguagem são manifestações importantes e o pensamento ainda não é lógico, podendo a criança se contradizer ou mudar o assunto rapidamente. Para Vygotsky, o sujeito é constituído na relação com o outro social, sendo a interação entre as crianças uma atividade escolar que auxilia no desenvolvimento das mesmas, pois cada uma possui diferentes conhecimentos já adquiridos em várias áreas. Vygotsky também destacou em sua teoria o mecanismo de imitação, que está interligado com os processos escolares. Para esse interacionista, a imitação não é um processo mecânico, mas sim uma reconstrução

1 Graduanda em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI – Campus de Santo Ângelo). E-mail: laura_frainer@hotmail.com

2 Professora Orientadora. E-mail: giana@san.uri.br

particular de algo que é observado nas outras pessoas. Já, para Wallon, o estágio que as crianças observadas se encontravam era o sensório-motor e projetivo. Esse é caracterizado pela exploração dos espaços físicos e objetos, ganhando força com o desenvolvimento da autonomia, prensão e marcha. A criança adquire capacidade sensório-motora de conhecer aquilo que a cerca. Também, a linguagem e a função simbólica tomam espaço, de forma que o ato mental “se projeta” em atos motores, surgindo então a denominação “projetivo” – utilização de gestos para exteriorizar o pensamento. Ao estudar a criança no contexto, Wallon afirma que isso possibilita a percepção de uma dinamicidade no processo, isto é, em cada idade surge um tipo singular de interação entre o indivíduo e seu ambiente. Uma característica da teoria Walloniana que a difere das demais, é a afetividade. A fala e a representação mental permitem com que a afetividade seja provocada por eventos abstratos, e que possa ser expressa por palavras. Diante das observações e das teorias estudadas, foi possível identificar vários aspectos e relacioná-los. Cada criança possui sua própria singularidade e forma de se relacionar com o mundo externo. Ela traz consigo, para a sala de aula, sua vivência familiar e sua história, externando como ela vê e interpreta o mundo, mesmo que ainda de forma muito rudimentar. Os autores supracitados possuem divergências em suas teorias, mas os três são essenciais para melhor compreensão da infância, bem como do sujeito como um todo.

Palavras-chave: Criança. Interação. Desenvolvimento. Educação Infantil.

A RELAÇÃO ENTRE MÃES E FILHAS COM SÍNDROME DE DOWN OU AUTISMO

Laura Cabral Frainer¹

Larissa Marques de Quadro²

Andrea Fricke Duarte³

Resumo: O atual trabalho é resultado do estágio de grupos do quinto semestre, do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo. Tem como objetivo discorrer sobre os aspectos presentes na relação de um grupo de mães e filhas portadoras de síndrome de Down (SD) ou autismo, com idades variadas entre 35 e 55 anos as responsáveis, e as filhas entre 18 e 36 anos. As tarefas propostas para o grupo, localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, tiveram como base a teoria de Pichon-Rivière de grupos operativos e a finalidade de investigar a relação de dependência absoluta e o espaço de cada uma dentro da relação mãe-filha. Foram realizados 10 encontros, com duração aproximada de 2 horas cada, no período de Abril a Junho de 2019. O grupo tinha por hábito fazer algum tipo de oficina de artesanato ou culinária, então foram propostas atividades nesse sentido e, também, algumas de reflexões sobre suas histórias. As vidas dessas mães foram atravessadas por dilemas, falta de apoio, informações erradas ou falta de conhecimento, que levaram a crer que suas filhas seriam eternas crianças. Isso levou às responsáveis a uma postura de quase total devoção por elas, suprindo-as em tudo, como um bebê que é atendido antes mesmo de ter privação. Percebeu-se que as mães não se distanciavam ao ponto de perder de vista suas filhas, permanecendo sempre como

1 Graduanda em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI – Campus de Santo Ângelo). E-mail: laura_frainer@hotmail.com

2 Graduanda em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI – Campus de Santo Ângelo). E-mail: l.marquesq@outlook.com

3 Professora Orientadora. E-mail: andreaduarte@san.uri.br

dentro de uma fronteira onde pudessem dar ordens e controlar as atitudes das mesmas. Também, elas desejavam que as atividades propostas fossem voltadas para as filhas, para que essas pudessem “se ocupar” e se divertir de alguma forma, anulando mais uma vez seu desejo naquele momento. Contudo, na prática percebeu-se a intromissão das mães, principalmente em atividades propostas só para as filhas. Foi necessário preparar o ambiente, no decorrer dos encontros, para possibilitar a escuta dessas mães, pois elas não estavam acostumadas a falar sobre si, ao passo que carregavam marcas que talvez nunca falaram para alguém, com receio de que fossem mal interpretadas ou julgadas. Além de que poucas tiveram acompanhamento psicológico após o diagnóstico de suas descendentes. A história dessas mães é rodeada por lutas em prol de suas filhas, seja na escola reivindicando profissionais especializados, seja na sociedade por preconceitos enfrentados, ou até mesmo entre familiares, que muitas vezes julgam e discriminam suas filhas. Dessa forma, o grupo se torna mais familiar do que os próprios parentes, pois ali se encontram identificação, amparo, trocas e reciprocidade entre as participantes. Pode-se verificar que os encontros semanais foram muito importantes, pois além de permitir a escuta das componentes, produziu-se um ambiente terapêutico. Além disso, pode-se conhecer mais a fundo como se dá essa relação mãe-filha (com SD ou autismo), compreendeu-se os fatores que implicam esta relação e ouviu-se por parte das integrantes o quanto de melhora esses encontros produziram para suas vidas.

Palavras-chave: Relação. Mãe-filho. Anulação. Dependência.

AS RELAÇÕES DO ADOLESCENTE COM A SEXUALIDADE

Naillê Belmonte Trindade¹

Vitor Ferreira de Menezes²

Lizete Dieguez Piber³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar diversos aspectos sobre a sexualidade observados e abordados no funcionamento de um grupo constituído no Estágio Básico de Grupos do curso de Psicologia. Foram realizados dez encontros com alunos e alunas de uma escola pública do estado do Rio Grande do Sul, na faixa etária de 12 a 16 anos, onde foram separados em dois grupos, um de meninas e outro de meninos, visando uma melhor possibilidade de vínculo e argumentação. O tema principal dos encontros é sexualidade e adolescência, e em cada encontro um assunto era proposto para discussão, relacionando questões biológicas, sociais e psíquicas, de acordo com as demandas iniciais solicitadas pela escola e percebidas ao longo dos encontros. Os aspectos da adolescência vividos pelos membros do grupo eram marcantes nos comportamentos e diálogos estabelecidos, onde as relações constituídas nesses grupos possuem importância na formação de suas personalidades e identidades sociais, sendo que a convivência em grupos de iguais possibilita este desenvolvimento, obtendo novos conhecimentos sobre outras subjetividades, verificando as relações de identificação e pertencimento já estabelecidas anteriormente, onde também puderam ser notadas as formas de observar e expressar opiniões,

1 Acadêmica de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus Santo Ângelo. naillê_bt@hotmail.com

2 Acadêmico de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus Santo Ângelo. viitor.menezes@hotmail.com

3 Professora curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - campus de Santo Ângelo, orientadora do Estágio. lizeted@san.uri.br

no qual um dos grupos distinguiu que assuntos como identidade e expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual são tabus no ambiente escolar devido ao preconceito institucionalizado e o desconhecimento sobre o assunto, percepção essa que serviu para que os alunos fossem estimulados ao pensamento crítico, a fim de possibilitar a construção de uma consciência sobre a diversidade da sexualidade humana e as diferentes individualidades presentes na sociedade.

Palavras-chave: Adolescência. Sexualidade. Aprendizagem.

ATUAÇÃO COLABORATIVA EM RODAS DE CONVERSA DIGITAIS: UM TRABALHO INTEGRADO

Juliana Regina Franke¹

Ester Mattana²

Carlos Augusto Fogliarini Lemos³

Resumo: As rodas de conversa são um meio de partilha, baseados no diálogo e na escuta. São um método de fácil comunicação onde os envolvidos relatam suas opiniões, concepções, impressões sobre o tema proposto, sendo assim, as rodas de conversa podem mudar a forma de agir, pensar e tudo baseia-se no compartilhamento de saberes. O presente resumo tem por objetivo relatar ações realizadas pelo PET Saúde Interprofissionalidade – Saúde do Trabalhador do SUS em rodas de conversa adaptadas utilizando a ferramenta do Google (Google meet) com os trabalhadores de ESFs (Estratégia de Saúde da Família) de Santo Ângelo. Para isso foram realizadas rodas de conversas online através da plataforma Google Meet com o PET – Saúde do Trabalhador do SUS envolvendo docentes, acadêmicos de Farmácia, Psicologia, Enfermagem, Educação Física ainda, servidores municipais e os trabalhadores da saúde de ESFs de Santo Ângelo. As 4 (quatro) áreas abordaram assuntos de automedicação, biossegurança, exercício físico e saúde mental. Esses encontros foram realizados pela necessidade de dar atenção aos trabalhadores de saúde dos ESF, bem como, ouvir às pessoas que estão sendo e foram essenciais durante a pandemia. Como não

1 Graduanda de Farmácia, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: julianarfranke@hotmail.com

2 Graduanda de Psicologia, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: ester.mattana71@gmail.com

3 Professor de Educação Física, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: clemos@san.uri.br

podíamos nos fazer presentes e dar apoio à eles, essa foi a forma de estarmos juntos mesmo distantes. Foram realizados 4 rodas de conversas envolvendo 6 ESFs onde o assunto principal era explanado pelo grupo do PET e depois aberto um espaço para os profissionais falar sobre como eles estavam se sentindo e vivendo durante a pandemia. A cada encontro ficava cada vez mais claro que o profissionais se sentiam acolhidos e essa foi uma estratégia para os mesmos falar sobre seus medos, anseios, reclamações e angústias. Nesses encontros os profissionais de linha de frente viam que seus sentimentos eram parecidos com os dos seus colegas de serviço e assim podiam contar com o outro. Foram relatados casos onde os próprios familiares estavam com receio de estar próximos aos profissionais e isso causava tristeza e, em muitos casos os profissionais tinham medo de ir para casa pelo fato de poder contaminar alguém da própria família em decorrência do trabalho. Enfim, inúmeros casos e situações foram relatadas e com isso viu-se a importância de ouvir e dar atenção a esses trabalhadores que, na maioria das vezes passam despercebidos e sem suporte mas que na verdade estão tendo um trabalho importante, complicado e difícil de enfrentar. Nesse sentido, as rodas de conversa no formato de partilha são um método prático e de importância que permitiu ouvir, orientar e dar atenção às pessoas que estavam precisando de um olhar especial e, com certeza a troca de ideias e as informações transmitidas foram de grande relevância tanto para nós quanto para os trabalhadores.

Palavras-chave: Rodas de Conversa. Profissionais. Saúde do Trabalhador.

A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO CONTEXTO DO PET – SAÚDE/ INTERPROFISSIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ester Mattana¹

Juliana Regina Franke²

Carlos Augusto Fogliarini Lemos³

Resumo: A educação interprofissional (EIP) ocorre quando profissionais de diferentes áreas da saúde aprendem em conjunto, de modo interativo, com o objetivo de promover práticas colaborativas, visando melhora na oferta de cuidados. Este trabalho possui como objetivo o compartilhamento de algumas experiências interprofissionais e minhas vivências em relação à EIP enquanto bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho – PET Saúde/ Interprofissionalidade, eixo Saúde do Trabalhador do SUS, e acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, campus Santo Ângelo, sendo que foi utilizado o relato de experiência descritivo. O eixo Saúde do Trabalhador do SUS, atualmente, é composto por 3 (três) tutores (das áreas de Psicologia, Enfermagem e Educação Física), 2 (dois) preceptores (Psicologia e Enfermagem) e 6 (seis) bolsistas (Psicologia, Enfermagem, Educação Física e Farmácia). Na trajetória do PET já desenvolvemos várias ações, sendo que nossa primeira atividade foi realizar um estudo teórico sobre os conceitos da EIP, abrangendo as competências colaborativas, para em seguida

1 Graduada de Psicologia, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: ester.mattana71@gmail.com

2 Graduada de Farmácia, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: julianarfanke@hotmail.com

3 Professor do Curso de Educação Física, URI – Campus Santo Ângelo. E-mail: clemos@san.uri.br

cada área compartilhar seus conhecimentos sobre a saúde do trabalhador. Através desse compartilhamento foi possível perceber as diferenças e as semelhanças entre cada uma das áreas, ficando explícita qual a importância de cada profissão no contexto da saúde do trabalhador. Também entre nossas ações está o desenvolvimento de diários de campo a partir de observações simples em duas Unidades Básicas de Saúde, o que propiciou a experiência de acompanhar e de refletir sobre como a interprofissionalidade ocorre na prática profissional e influencia no atendimento aos usuários do SUS. Em diferentes momentos e situações, enquanto bolsista do PET, pude compartilhar, aprender e realizar ações com outros estudantes e profissionais de diferentes áreas da saúde. Sendo que, foi possível perceber que, mesmo com todas as diferenças e semelhanças entre as áreas de estudo, todos os membros do eixo Saúde do Trabalhador do SUS compartilham de um objetivo em comum, o bem-estar dos trabalhadores da saúde.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador. Educação interprofissional. Competências colaborativas

SAÚDE E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: PROJETO VIVA A VIDA

Henrique de Freitas de Almeida¹

Daniela Pereira Gonzalez²

Resumo: Atualmente, no Brasil, a taxa de pessoas na terceira idade tem tomado proporções altíssimas, tendo em vista o crescimento da população brasileira nos últimos tempos. Segundo estatísticas e pesquisas recentes, em 2050 a média de pessoas nesta faixa etária, pode chegar até 1,9 bilhões de pessoas. Dessa forma, tem se feito necessária a reflexão e planejamento de estratégias voltadas para esta faixa etária, de modo a evitar e reduzir os males advindos do processo de envelhecimento, assim como os provenientes da falta de cuidado para com a saúde. Pensar em estratégias voltadas para a promoção à saúde da terceira idade tem se mostrado uma tarefa complexa. Assim, pensando em um modo de prevenir doenças psíquicas e físicas, surge o projeto de extensão Viva a Vida, criado pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e região das Missões (URI – SANTO ÂNGELO), com o intuito de promoção a saúde e bem-estar físico psíquico e social da terceira idade, ofertando a população idosa, acima de 50 anos, de ambos os gêneros, com atividades multidisciplinares, que incluem aulas de ginástica, aulas de espanhol e aulas de italiano, contando com a participação de estudantes dos cursos de educação física e psicologia. O projeto tem como foco oferecer a população idosa, da cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, a oportunidade de cuidar e desenvolver a sua saúde biopsicossocial, além de oportunizar a comunidade

1 Acadêmico do curso de psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. E-mail: Almeidahenri8@gmail.com

2 Coordenadora das ciências Humanas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. E-mail: Dgonzalez@san.uri.br

acadêmica um espaço de pesquisas e discussões acerca das temáticas que envolvem esta faixa etária e seu processo de envelhecimento. Assim como promover uma integração entre a comunidade local e a universidade, como sendo um espaço destinado a todos os tipos de público.

Palavras-chave: Terceira idade. Envelhecimento. Multidisciplinarietà.